

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO



**Isabel Maria Chaves Guimarães**

**A relação mãe e filha e os  
impasses no caminho da feminilidade**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia da PUC-Rio.

Orientadora: Profa. Ana Maria Rudge

Rio de Janeiro

Maio de 2013



**Isabel Maria Chaves Guimarães**

**A relação mãe e filha e os impasses no caminho  
da feminilidade**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e de Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela comissão Examinadora abaixo assinada.

**Profa. Ana Maria Rudge**

Orientadora

Departamento de Psicologia – PUC-Rio

**Profa. Sílvia Maria Abujamra Zornig**

Departamento de Psicologia – PUC-Rio

**Profa. Gilsa Freiblat Tarre de Oliveira**

Departamento de Psicologia – UNESA

**Profa. Denise Berruezo Portinari**

Coordenadora Setorial de Pós-Graduação  
e Pesquisa do Centro de Teologia e de Ciências Humanas - PUC-Rio

Rio de Janeiro, 03 de maio de 2013

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da autora, da orientadora e da universidade.

### **Isabel Maria Chaves Guimarães**

Graduada em Psicologia pela PUC-Rio em 1997. Psicanalista e especialista em Psicologia Hospitalar.

#### Ficha Catalográfica

Guimarães, Isabel Maria Chaves

A relação mãe e filha e os impasses no caminho da feminilidade / Isabel Maria Chaves Guimarães ; orientadora: Ana Maria Rudge. – 2013.

75 f.; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2013.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Mulher. 3. Feminilidade. 4. Mãe e filha. 5. Dificuldades. 6. Relação amorosa. I. Rudge, Ana Maria. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título

CDD: 150

Aos pacientes e às mães que me causaram para esse estudo.

## Agradecimentos

À Ana Maria Rudge minha orientadora, pelo acolhimento no desafio de falar sobre mães.

Aos professores da PUC-Rio pelos ensinamentos desde a época da graduação.

À Denise Berman pelo apoio aos estudos neste percurso.

Aos psicanalistas e supervisores que me acolheram em diversos momentos deste percurso profissional.

À minha família pelo incentivo aos estudos.

À CAPES e à PUC-Rio pelos apoios à pesquisa.

## Resumo

Guimarães, Isabel Maria Chaves; Rudge, Ana Maria (orientadora). **A relação mãe e filha e os impasses no caminho da feminilidade**, Rio de Janeiro, 2013. 75p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A presente dissertação tem por objetivo realizar um estudo, a partir de Freud e Lacan, sobre a constituição da feminilidade e sobre as dificuldades que as mulheres apresentam na realização dos seus vínculos amorosos. A análise das relações entre mães e filhas tornou-se o principal tema deste trabalho visto que a maioria dos textos psicanalíticos sobre a mulher abordam este assunto. Ficou evidente que o vínculo entre elas é estrutural e fundamental para se obter uma resposta sobre o feminino. Os conceitos de complexo de Édipo e de complexo de castração, e os estudos da constituição psíquica do sujeito neurótico são a base teórica.

## Palavras-Chave

Mulher; feminilidade; mãe e filha; dificuldades; relação amorosa.

## Abstract

Guimarães, Isabel Maria Chaves; Rudge, Ana Maria (Advisor). **Mother and daughter relationship and the impasses on the way to femininity**, Rio de Janeiro, 2013. 75p. MSc Dissertation – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This dissertation aims to conduct a study, based on Freud and Lacan, about the constitution of femininity and about the difficulties women present in the realization of their loving relationships. The analysis of mothers and daughters is the main theme of this work since the majority of psychoanalytical texts about women deal with this subject. It was clear that the relationship between them – mothers and daughters- is structural and fundamental in order to achieve an answer about the feminine. The theoretical base for this study constitutes of the concepts of Oedipus complex and castration complex, and the studies about the psychic constitution of the neurotic subject.

## Keywords

Women; femininity; mother and daughter; difficulties; loving relationships.

## Sumário

1. Introdução – Como a mulher encontra-se na atualidade?	09
2. A sexualidade da mulher em Freud	17
3. O complexo de Édipo em Lacan	30
4. A complexidade da relação mãe e filha	39
5. Considerações finais – O gozo feminino	63
Referências bibliográficas	74



## INTRODUÇÃO – COMO A MULHER ENCONTRA-SE NA ATUALIDADE?

Durante um atendimento uma paciente renal crônica em tratamento dialítico relatou que responsabilizara a sua mãe por ela não ter se casado e por ter tido anorexia numa determinada época de sua vida...

A partir do estudo dos trabalhos sobre sexualidade feminina de Freud e de observações de atendimentos com mulheres que realizei na clínica psicanalítica formulei a questão: *o que atrapalha a mulher nas relações amorosas?*

Freud construiu a sua teoria sobre a sexualidade infantil e o desenvolvimento psíquico e sexual dos meninos e das meninas ao longo de vários trabalhos. Os estudos da sexualidade feminina chegaram ao ápice no texto chamado “Feminilidade”. Ele constrói uma teoria sobre a emergência da feminilidade e traça um caminho para se chegar a uma característica, ou a um delineamento, de algo que seja exclusivo da mulher. Ele busca algo na constituição da sexualidade da mulher que seja próprio dela, pois para Freud a constituição sexual e psíquica dos homens sempre apresentou um status de mais compreendido e claro. Ao longo do texto, ele faz comparações entre as características físicas e psíquicas de meninos e meninas, e encontra no complexo de castração o marco da diferença que aponta para o caminho em direção à feminilidade. Outro ponto importante deste trabalho é a valorização do período pré-edípico da menina. Para Freud muitos distúrbios nos futuros relacionamentos amorosos das mulheres podem ter origem no primeiro vínculo inaugural entre mãe e filha.

Nos estudos psicanalíticos que tratam da mulher e da feminilidade a relação mãe e filha encontra-se sempre presente. A complexidade desse vínculo primordial se faz presente na vida da filha adulta, como o próprio Freud observou: *“Sabíamos, naturalmente, que houvera um estágio preliminar de vinculação com a mãe, mas não sabíamos que pudesse ser tão rico e tão duradouro, e pudesse*

*deixar atrás de si tantas oportunidades para fixações e disposições.” (Freud, 1976, 147)*

Durante os atendimentos na clínica psicanalítica encontrei muitas dificuldades que as mulheres que apresentavam nos relacionamentos amorosos com homens. Uma paciente falava abertamente de certa aversão para namorar homens e de como era complicado lidar com a sua sexualidade, tendo chegado a fugir do ginecologista por esta razão. Ela nutria queixas sobre a relação da mãe com a irmã, (muito próxima e intensa) e ressentimentos pela forma muito rígida como foi educada pelo pai. Comportava-se de forma masoquista no trabalho. Estas queixas apareceram durante as sessões e entrelaçavam-se com uma decisão que tomou na época que foi a de ficar solteira. Outra paciente, solteira e bem sucedida profissionalmente, tinha um olhar crítico para os casos de separação entre casais. Nestes casos, o problema estava sempre com os homens. Sua posição era de sempre negar a responsabilidade das mulheres por sua parte nos conflitos. Num outro atendimento, uma paciente queixava-se e ressentia-se de sua mãe e da forma como foi criada, com muita repressão. Ao mesmo tempo, apresentava uma postura de inferioridade em relação ao seu marido. Por fim, atendi uma paciente com escolha objetal homossexual que apresentou problemas sérios com a mãe e em outros momentos com a irmã também. Estes atendimentos deixaram muitas perguntas sobre as dificuldades das mulheres em relação aos homens e sinalizaram para a problemática da relação mãe e filha. A relação mãe-filha tem importantes consequências para a estrutura psíquica da mulher. Assim, surgiram algumas perguntas: Será que ela sempre deixará um saldo especialmente no que diz respeito à relação amorosa com os homens? É possível tornar-se mulher sem tanta angústia?

No trabalho que desenvolvo numa clínica de hemodiálise presenciei relacionamentos entre mãe e filha que remetem à teoria freudiana sobre a complexidade deste vínculo. Foi observado que em muitas famílias uma das filhas não havia se casado e era ela que acompanhava a mãe na sua enfermidade. É curioso que a equipe fazia comentários do tipo: “Como vai ficar essa filha quando a mãe falecer?”. Estes casos eram muito comuns no início do séc. XX, porém nota-se que ainda acontecem na atualidade. Naquela época uma das filhas ficava

solteira e continuava morando com os pais. Dizia-se que ficavam para “titia”. Essa tia não se casava; não se separava dos pais e não tornava-se mãe. A maternidade também é uma qualidade da mulher.

Presenciei outra situação em que a filha, depois de se separar, havia voltado a morar com a mãe, que já estava viúva. Essa filha queixava-se de que a mãe não conseguia ficar em casa sozinha e que quando estavam juntas vendo televisão, por exemplo, se comportava o tempo todo se mexendo para chamar a atenção da filha. Isso causava muita irritação para a filha. A mãe parecia sentir um tédio, mas também não fazia nada para melhorar. Parecia esperar que a filha resolvesse esse estado em que se encontravam. O curioso é que a mãe tem 86 anos (de 1926) e a filha tem 58 anos (de 1954).

Em outra situação uma amiga veio pedir uma indicação de uma psicóloga para poder lidar com sua irmã. Enquanto falava sobre essa questão percebia-se uma disputa inconsciente entre elas na atenção da mãe. Notava-se que os afetos envolvidos eram extremamente intensos.

Outro campo que suscitou questões foi o das observações realizadas no dia-a-dia, nos discursos populares, nas relações sociais. São muitos os grupos de amigas que são queixosas da “falta de homem no mundo”. Em outro grupo semelhante, elas projetam uma imagem de superioridade em relação aos homens, como se não precisassem deles, mesmo estando interessadas neles. As amigas podem estar unidas através da construção de um significante que lhes identifique como mulheres, mesmo que temporariamente, já que é uma fase adolescente ou pós-adolescente. “A falta de homens” ou “nós não precisamos deles” seria o traço de identificação. No texto sobre identificação Freud relata que *“Podemos apenas ver que a identificação esforça-se por moldar o próprio ego de uma pessoa segundo o aspecto daquele que foi tomado como modelo.”* (Freud, 1976, p.134)

É importante notar que em vários trabalhos Freud sinaliza que muito da sua teoria vem de observações realizadas no dia-a-dia, como no livro “Psicopatologia da vida cotidiana”. E ele novamente traz essa ideia no seu trabalho sobre feminilidade, enfatizando e destacando a importância da teoria que estava desenvolvendo. Ele relatou que: *“Ela não nos apresenta senão fatos*

*observados, quase sem qualquer acréscimo teórico, e trata de um assunto que, quase mais do que qualquer outro, faz jus ao interesse dos senhores. Através da história, as pessoas têm quebrado a cabeça com o enigma da natureza da feminilidade” (Freud, 1976, p.149)*

É interessante observar também as mudanças que ocorrem quando uma mulher torna-se mãe e a reação de muitas avós perante o primeiro neto (ou neta). Ao final do texto sobre feminilidade Freud destacou a transformação da mulher ao nascimento do primeiro filho e de como a relação com o marido sofre algum abalo diante disso. No caso das avós pode-se pensar que estariam revivendo esse momento extremamente forte e intenso, ao lado de certa inveja dessa nova mãe, jovem e que tem o bebê todo para si. Isto é: a nova mãe possui o falo. Mesmo sabendo que o luto pelo crescimento do filho é feito desde o nascimento e que a situação fálica não é sustentável os sentimentos envolvidos superam esse saber. O nascimento do neto também pode significar mais uma ameaça de separação entre mãe e filha e reeditar conflitos antigos e arcaicos entre elas. Como se a avó sentisse que o seu lugar para a filha fosse destituído pelo bebê, a filha passaria a ter alguém que seria o maior amor do mundo, o que remete à relação que a mãe teve com a filha.

O filme italiano “O último beijo” (L’ ultimo bacio/2003) é uma comédia romântica onde um casal de jovens entra em crise após a mulher anunciar que estava grávida. Os amigos desse casal, casados e solteiros também apresentam questões relativas à geração que viviam. O curioso é que surge um drama paralelo que se passa com a mãe da personagem principal. Ela decide separar-se do marido e traz esse drama para a filha. A filha que já estava passando por algo muito sério e inesperado, é ainda levada a escutar e ajudar a mãe. É um drama pequeno dentro do filme, porém, demonstra as sutilezas da relação mãe e filha, e a dificuldade de separação reeditada.

Dois desenhos recentes da Disney/Pixar que tratam da relação mãe e filha. Os filmes “Enrolados” (de 2010), que traz uma nova versão de “Rapunzel”, e “Valente” (de 2012). O primeiro mostra um lado obscuro da maternidade que não quer o crescimento da filha e que tanto a beleza quanto a juventude da menina não

seja maior que o da mãe, e que pode espelhar o envelhecimento da mãe. O segundo trata das diferenças entre mãe e filha e a dificuldade de aceitação de que a filha tem desejos diferentes do da própria mãe.

Essas histórias lembram o que Bruno Bettelheim escreveu sobre o narcisismo dos pais perante o crescimento dos filhos:

“Os pais narcisistas são os que se sentem mais ameaçados pelo crescimento da criança, pois isto significa estar envelhecendo. Enquanto a criança é totalmente dependente é como se ela fosse *parte* dos pais. (...) Mas quando começa a amadurecer a atingir certa independência, então é vivenciada como uma ameaça, como sucede em, “Branca de Neve””. (Bettelheim, 242, 1992)

A comédia romântica “Qual seu número?”, (“What’s your number?”, 2011, do diretor Mark Mylod), mostra de forma leve a falta de continuidade entre o desejo da mãe e da filha. Numa certa hora do filme a filha que estava sendo influenciada pela mãe acaba se descolando dela sem tantos dramas. A personagem principal havia decidido namorar um rapaz que a mãe aprovava até perceber que o seu desejo estava direcionado para outro homem. Esta percepção aconteceu no casamento da irmã mais velha quando percebeu a paixão da irmã pelo marido. Esta, por sua vez, lhe ajudou a tirar o foco da mãe ao dizer que estava grávida.

Zalberg escreveu sobre a dificuldade que a mulher tem de não estar no lugar de demandante o que pode lhe deixar num lugar de vítima ou de poliqueixosa. É uma posição característica da histeria, a mulher cheia de sintomas corporais que está sempre se queixando deles e solicitando ao outro a solução.

“A mulher tem mais dificuldade do que o homem de renunciar à demanda ao Outro por causa de seu afã de obter uma dupla compensação para a sua falta-a-ser enquanto sujeito e enquanto mulher. Por conseguinte, seu caminho para a formulação de seu desejo é mais complexo e sinuoso do que o do homem”. (Zalberg, 2003, 71)

O vínculo intenso entre mãe e filha pode ser encontrado nos casos de inseminação artificial onde não se conhece o pai, o fornecedor do esperma, ou quando uma recente mãe separa-se do marido com o bebê ainda pequeno. A filha pode estar repetindo a história da mãe quando teve uma mãe que foi pai e mãe ao

mesmo tempo. Esses casos lembram o que Malvine Zalcberg escreve sobre algumas filhas que praticamente colocam a mãe como uma mãe/avó do bebê.

“A necessidade da filha de encontrar um lugar para ela mesma no desejo da mãe – dando-lhe algo - pode manifestar-se de alguma forma quando ela torna-se mãe. Agora tem um bebê para oferecer-lhe; ainda assim há a considerar a diferença de o bebê ser menino ou menina. Se a filha viveu a experiência da mãe não ter obtido nenhuma gratificação com ela ou uma maior com um filho, ela poderá pensar que continua não dando nada ou não tendo nada para dar a mãe para sempre. Esta dúvida pode instaurar-se na linhagem de mães”. (Zalcberg, 2003, 95)

Outra fonte que sugere as dificuldades das mulheres nos relacionamentos amorosos encontra-se na quantidade de livros de auto-ajuda com dicas e orientações sobre como se comportar para consegui-los. Alguns destes títulos são: “Por que os homens amam as mulheres poderosas? Um guia para você deixar de ser boazinha e se tornar irresistível”, “Os segredos das mulheres inteligentes: aprenda a se valorizar e evitar relacionamentos destrutivos”, “Mulheres francesas não dormem sozinhas”. Mostra-se curioso que esses títulos apontem para respostas vindas de outras mulheres e que estejam numa posição fálica. Esses livros sugerem que existe uma resposta ou um caminho que leve a mulher a atingir o seu objetivo. Essa resposta vem de outra mulher, o que corresponde à teoria de Freud e de Lacan, de que a mulher busca em outra mulher insígnias da feminilidade e aquilo que elas imaginam que atrai o homem.

Lacan abordou esta questão ao estudar o caso Dora. Ela buscava na Sra. K. uma resposta sobre o enigma da feminilidade: o que uma mulher tem que atrai o olhar do homem? Dora esperou que Freud lhe ajudasse a responder o que é ser uma mulher. Serge André em “O que quer uma mulher?” comenta o caso Dora e mostra que “... o problema de sua condição é, no fundo, o de se aceitar como objeto do desejo do homem, e é aí que está, para Dora, o mistério que motiva sua idolatria pela Sra. K.”. (André, 1987, 149)

A relação de idolatria entre amigas é bastante encontrada na sociedade. É comum ouvir de uma adolescente que acabou de fazer uma amizade, dizer que são melhores amigas. Elas são melhores amigas durante um mês e logo depois uma

não quer mais encontrar com a outra. Estas situações parecem ser identificações “mágicas”; são situações de encontros “especiais”, de paixão entusiasmada entre mulheres sem uma relação homossexual estar presente.

A ânsia pelo significante feminino permite uma literatura vasta. Nota-se essa busca no sucesso dos livros lançados recentemente (2012) que tornaram-se uma “febre” entre as mulheres. São a trilogia chamada *Cinquenta Tons de Cinza*, que já foi matéria de três edições da revista *Veja*, inclusive capa de uma delas. Basicamente é a história de um milionário e uma estudante que se apaixonam e passam a viver uma relação sadomasoquista.

“Mais de 20 milhões de exemplares já vendidos nos Estados Unidos, outros 10 milhões nos demais países de língua inglesa, 5000 000 na Alemanha em apenas cinco dias, dezenas de milhares de cópias voando das prateleiras no Brasil, desde a semana passada: a trilogia *Cinquenta Tons de Cinza*, da inglesa E. L. James é um fenômeno inqualificável.” (Veja, edição 2281 – ano 45 – n° 32, 08 de agosto de 2012)

A socióloga inglesa Catherine Hakim foi entrevistada em outra edição da revista *Veja* e disse que atualmente as mulheres estão querendo casar com maridos ricos para que possam cuidar dos filhos. O feminismo enquanto luta pela igualdade entre homens e mulheres no mercado de trabalho, por exemplo, tornou-se um mito e as pesquisas atuais demonstram um movimento das mulheres para ficar em casa enquanto os filhos são pequenos. Outro ponto de estudo da autora é a valorização da feminilidade, da utilização dos atributos sedutores das mulheres para ascender na carreira, por exemplo. Esta socióloga apenas ilustra o que a teoria psicanalítica trabalha em relação à mulher, a eterna busca de construir uma identidade própria, e que não existe uma identidade única. Não se pode falar de um grupo de mulheres com se faz com os homens. Para Lacan a mulher se constitui numa divisão: a lógica fálica e o não todo-fálico. Este último impossível de ser representado pela linguagem.

Nesta entrevista ela relatou que:

“O feminismo é uma ideologia abrangente, contém muitos elementos diversos. Há escritoras radicais que adotam o feminismo vítima, no qual as mulheres sempre saem perdendo. Outras, como Camille Paglia, insistem que o feminismo impõe responsabilidades às mulheres, de forma que elas não podem culpar os homens todas as vezes que algo der errado em sua vida pessoal ou em sua carreira. Tenho ao meu lado as intelectuais francesas e as alemãs. De maneira geral, elas reconhecem e valorizam o capital erótico das mulheres. As anglosaxões repudiam esse conceito. Elas rejeitam tudo o que está relacionado ao sexo e ao prazer e têm aversão à beleza.” (Veja, edição 2279 – ano 45 – n° 30, 25 de julho de 2012)

A série de TV *Grils* onde jovens mulheres tentam resolver conflitos próprios de sua geração, também traz a questão de como construir uma identidade feminina. É um retrato das jovens de hoje cujo comportamento já é marcado pelas mudanças culturais da época atual. Por exemplo: uma homossexualidade feminina bem frouxa, sem uma posição rígida perante a própria sexualidade.

Por fim, o que a histeria tem a dizer sobre a feminilidade? Ambas são extremamente íntimas da mulher como o próprio Freud mostrou com a sua obra. A histeria enquanto estrutura neurótica e conjunto de sintomas e traços, sempre esteve relacionada com a mulher. Ela tanto possibilita os encontros quanto os desencontros e as separações. É comum o casamento da histérica com o neurótico obsessivo, onde ela demanda e ele tenta dar conta do desejo dela. Então, como a neurose histérica atrapalha o estar com um homem?



## A SEXUALIDADE DA MULHER EM FREUD

“Não tenho dúvidas de que os senhores estão dispostos a manifestar a suspeita de que esse quadro da quantidade e da intensidade do relacionamento sexual da menininha com sua mãe estaria exagerado” (Freud, 1976, p.149)

Nos textos “A dissolução do complexo de Édipo” (1924) e “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos” (1925) Freud, aos poucos, constrói as diferenças do complexo de Édipo e do complexo de castração nas meninas e nos meninos. Até então a constituição psíquica dos homens estava mais entendida e clara, e, à falta de maior entendimento do Édipo nas mulheres, Freud se inclinava por inferir uma semelhança destes complexos nos dois gêneros.

No primeiro texto, pela primeira vez Freud mostra que existe uma diferença no desenvolvimento da sexualidade nos homens e nas mulheres. Como o próprio título mostra, Freud inicia este trabalho buscando o motivo para o fim do complexo de Édipo, que permite o início do período de latência, no qual a sexualidade infantil sofre recalque e a criança volta-se para outros interesses, não sexuais; e a constituição do superego como herdeiro do complexo de Édipo.

Num primeiro momento Freud fala da impossibilidade interna da realização do complexo de Édipo e das frustrações e experiências de desapontamento vivenciadas pela menina em relação ao pai e pelo menino em relação à mãe. Neste momento o Édipo ainda era apresentado como uma experiência semelhante entre os gêneros, com a única diferença de que o menino toma a mãe como objeto de amor, e; a menina está vinculada ao pai amorosamente.

Mas Freud continuou estudando o assunto mais profundamente, a fim de entender como este processo chega ao fim e quais seriam os fatores acidentais ou de outra ordem que poderiam interferir neste percurso. Começou falando da fase fálica, onde as crianças já estão desfrutando prazer dos órgãos genitais. Nesta época as crianças entendem que anatomicamente são iguais, isto é, que só existe um órgão sexual, o pênis. *“Esse órgão genital é apenas o masculino, ou, mais*

*corretamente, o pênis; o genital feminino permaneceu não revelado.” (Freud, 1976, p. 218)*

Neste período é bastante comum que os meninos sofram desaprovações e desapontamentos quando estão se masturbando. Muitas vezes ouvem ameaças de que vão cortar seu órgão. Para Freud é o medo dessas ameaças que faz com que o menino dê um destino para o seu Édipo. *“Bem, é minha opinião ser essa ameaça de castração o que ocasiona a destruição da organização genital fálica da criança.” (Freud, 1976, p.219)*

O complexo de Édipo e o complexo de castração estão profundamente interligados. A criança vivencia o período fálico o auge das suas vinculações amorosas com os pais. No Édipo ela experimenta duas possibilidades de satisfação, atitudes passivas ou ativas, em relação aos seus objetos de amor. Ela pode identificar-se com o pai, assumindo uma atitude masculina, e ter a mãe como objeto amoroso ou vice e versa, ser amado pelo pai através de uma postura passiva. O complexo de castração vai interferir nestas relações produzindo o abandono dos seus objetos amorosos. Após esses eventos e através do processo de incorporação do objeto e identificação a criança estabelece o núcleo do superego, formado pela introjeção das autoridades paternas e com o objetivo de manter estas mesmas funções.

*“Se a satisfação do amor no campo do complexo de Édipo deve custar à criança o pênis, está fadado a surgir um conflito entre seu interesse narcísico nessa parte de seu corpo e a catexia libidinal de seus objetos parentais. Nesse conflito, triunfa normalmente a primeira dessas forças: o ego da criança volta as costas ao complexo de Édipo”. (Freud, 1976, p.221)*

Freud sinalizou que toda essa dinâmica psíquica corresponde ao que acontece com os meninos e que algo semelhante também deveria ocorrer com as meninas, mas que ainda havia algo de obscuro a ser descoberto com o que se passa com elas. Para ele as diferenças anatômicas promovem diferenças no desenvolvimento psíquico e emocional e cita Napoleão: *“A anatomia é o destino.” (Freud, 1976, p.222)*

Para as meninas o clitóris é o seu pênis, e quando elas o comparam com o órgão de um menino, interpretam que o seu é pequeno, mas, que pode ainda crescer. Dessa forma, experimentam um complexo de inferioridade. Num segundo momento, continuam sem entender que seu órgão sexual possui uma especificidade, que é típico do gênero feminino, e começam a pensar que foi castrada. *“Dá-se assim a diferença essencial de que a menina aceita a castração como um fato consumado, ao passo que o menino teme a possibilidade de sua ocorrência.”* (Freud, 1976, p. 223). Como não houve uma ameaça de castração que ocasionasse a resolução do seu Édipo e instalasse o superego para iniciar o período de latência, Freud pensa que esses acontecimentos são mais complicados para as meninas do que para os meninos e explica que elas tem menos motivos para resolver seu complexo de Édipo.

A renúncia da posse de um pênis para a menina não acontece de forma simples, sem o sentimento de exigência de alguma compensação. Assim, passa a querer ter um bebê de seu pai. *“Ela desliza – ao longo da linha de uma equação simbólica, poder-se-ia dizer – do pênis para um bebê.”* (Freud, 1976, p.223) Como não é possível ter o pênis e o bebê do pai, desiste do complexo de Édipo. Ambos os desejos permanecem no inconsciente e produzem consequências no psiquismo da mulher.

Freud termina esse texto com muitas dúvidas em relação ao complexo de Édipo e ao complexo de castração nas mulheres e no final escreve que *“Deve-se admitir, contudo, que nossa compreensão interna (insight) desses processos de desenvolvimento em meninas em geral é insatisfatório, incompleto e vago.”* (Freud, 1976, p. 224)

No ano seguinte, em 1925, Freud conseguiu elaborar melhor as diferenças de desenvolvimento sexual e psíquico dos meninos e das meninas no texto *“Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos”*. Nele o conceito de inveja do pênis recebe destaque na constituição psíquica da mulher. Retoma suas investigações abandonando a ideia inicial de uma simetria no desenvolvimento sexual dos meninos e das meninas, este que não dava mais para seguir adiante. Reafirma que, no complexo de Édipo dos meninos o primeiro

objeto de amor é a mãe - a relação com o pai é de rivalidade, e é o complexo de castração que promove a sua destruição. O interesse narcísico dos órgãos genitais é atingido pela ameaça de castração.

Em seguida Freud apresenta uma teoria que iguala posições iniciais entre meninos e meninas. Assim como para o menino, para a menina a mãe é também o primeiro objeto de amor. A visão de simetria entre os complexos de Édipo é abandonada. A menina faz a troca do objeto amoroso. Freud, depois, tenta entender como ela se direciona para o pai e mostra o exemplo da fantasia da menina que deseja ter um filho do pai. Ressalta como o vínculo primário com a mãe pode ser extremamente intenso e conclui que *“Entretanto, uma análise mais rigorosa desses próprios casos traz à luz algo diferente, ou seja, que aqui o complexo de Édipo tem uma longa pré-história e constitui, sob certos aspectos, uma formação secundária.”* (Freud, 1976, p. 313)

Na fase fálica o evento mais importante é o complexo de castração, onde as meninas sofrem a inveja do pênis. Os meninos temem ficar sem o pênis e as meninas desejam intensamente tê-lo. Até então pensava-se que a vinculação da masturbação infantil aos primeiros investimentos objetivos tinham um valor maior.

Freud esboça algumas consequências do impacto da castração para as meninas como um complexo de masculinidade que prejudica a feminilidade, e que tem tanta influência na constituição psíquica a ponto do desejo de possuir o falo permanecer por um longo período na vida da mulher.

As consequências psíquicas da inveja do pênis geram um sentimento de inferioridade como uma espécie de cicatriz.

*“Quando ultrapassou sua primeira tentativa de explicar sua falta de pênis como uma punição pessoal para si mesma, e compreendeu que esse caráter sexual é universal, ela começa a partilhar do desprezo sentido pelos homens por um sexo que é inferior em tão importante aspecto, e, pelo menos no sustentar dessa opinião, insiste em ser como um homem.”* (Freud, 1976, p. 315)

Freud diz que o ciúme é um dos traços das consequências da inveja do pênis, e deixa claro que mesmo estando presente nos homens e nas mulheres, é um traço característico da vida mental delas.

Um enfraquecimento do laço afetivo da menina com seu primeiro objeto de amor, a mãe, também aparece como uma consequência da inveja do pênis. A mãe passa a ser responsabilizada por esse acontecimento.

A ferida narcísica carregada de humilhação pelo impacto da castração termina por levar à mudança de um comportamento ativo para um passivo. Na fase fálica a menina realiza a masturbação infantil de forma ativa e masculina (com o clitóris como órgão de prazer) e depois recalca e abandona essa atividade para o desenvolvimento de uma postura passiva e feminina em relação a sua sexualidade.

Estes movimentos impelem a menina a dirigir-se para o pai como objeto de amor: *“Ela abandona seu desejo de um pênis e coloca em seu lugar o desejo de um filho; com esse fim em vista, toma o pai como objeto de amor. A mãe se torna o objeto de seu ciúme. A menina transformou-se em uma pequena mulher.”* (Freud, 1976, p. 318)

Freud termina este trabalho dizendo que o complexo de Édipo é um evento de fundamental importância na constituição psíquica dos sujeitos, e que aceitando as diferenças do que acontece entre os gêneros observa-se que nas meninas ele não é destruído e sim introduzido pelo complexo de castração.

A constituição do superego nas mulheres continuou sendo um assunto obscuro e de difícil entendimento para Freud. Elas não tiveram uma dissolução do complexo de Édipo como nos meninos, e, portanto, parecem desenvolver um superego fraco. *“Seu superego nunca é tão inexorável, tão impessoal, tão independente de suas origens emocionais como exigimos que o seja nos homens.”* (Freud, 1976, p. 320) E termina o trabalho lembrando que não existe a masculinidade ou a feminilidade pura e que são constructos teóricos ainda em desenvolvimento.

Alguns anos depois Freud escreveu os textos “Sexualidade feminina” (1931) e “Feminilidade” (1933[1932]) onde trabalhou de forma profunda a sexualidade da mulher. Os dois trabalhos são extremamente parecidos e chegam a ter exemplos iguais. Sobre o primeiro, o editor inglês escreveu que é um trabalho mais técnico do que o último.

O texto “Sexualidade feminina” inicia com a apresentação do complexo de castração na mulher e a introdução da fase pré-edípica para ambos os gêneros. Sendo que para a mulher essa relação inicial com a mãe é extremamente complexa e pode deixar marcas profundas no desenvolvimento sexual e psicológico dela. Enfatiza a intensidade desta relação e o quanto ela perdura e exerce influência na vida da mulher. Chama atenção, também, para a atitude ativa da menina para com a mãe e na feminilidade em geral.

Freud relata que tanto os meninos quanto as meninas podem passar pelas fases do desenvolvimento sexual infantil de forma semelhante, inclusive na fase fálica, onde ambos acreditam que todos os seres possuem um pênis. Neste período eles estão obtendo prazer de seus órgãos sexuais, e é a partir daí que vai ocorrer a primeira grande diferença entre eles, e, o primeiro trabalho em direção ao desenvolvimento sexual da menina. O complexo de castração se estabelece durante a fase fálica da sexualidade infantil, e tem início quando as crianças veem que as mulheres não portam o pênis. A partir daí cada um produzirá uma reação diferente. Os meninos somente sentem o impacto desta percepção da diferença sexual quando entendem que pode haver acontecido uma castração nas meninas, e passam a sentir a sua ameaça. Com medo da castração, os meninos, que estavam numa relação amorosa com a mãe e de rivalidade com o pai, decidem abandonar, e até destruir, esse amor edípico. Assim estabelece-se um severo superego, herança da autoridade dos pais neste período. “É apenas na criança do sexo masculino que encontramos a fatídica combinação de amor por um dos pais e, simultaneamente, ódio pelo outro, como rival.” (Freud, 1974, p. 263) Freud destaca que é o interesse narcísico dos meninos de preservar o seu pênis que reprime a sua sexualidade infantil. Como resultado destes eventos complexos surge uma certa atitude de desprezo para com as mulheres, a quem encaram como castradas.

Ao descrever o desenvolvimento destes complexos na menina Freud mostra que o que acontece com elas é mais complicado e trabalhoso do que com os meninos. Como eles, a menina também tem a mãe como o seu primeiro objeto de amor e também obtém prazer fálico do seu órgão sexual, o clitóris. É a partir daí que vai ocorrer a primeira grande diferença entre o menino e a menina e o primeiro trabalho em direção ao desenvolvimento sexual da menina. Elas precisarão mudar a categoria de seu objeto amoroso, mudam da mãe para o pai, para depois, supostamente, ter os homens como escolha objetal na fase adulta. Outra mudança que precisam realizar, e pela qual os meninos não passam, é a do órgão do qual se obtém o prazer sexual. Há um deslocamento do clitóris para a vagina. Segundo esta teoria, até uma determinada idade próxima à adolescência a vagina permanece desconhecida.

O complexo de castração nelas surge com as diferenças anatômicas e produz um sentimento de inferioridade ou de terem sido injustiçadas. A inveja do pênis as obriga a separar-se da mãe e ingressar na situação edipiana. A separação entre mãe e filha envolve a responsabilização da mãe pela falta do falo. A identificação com a mãe e a intensidade e a ambivalência dos sentimentos envolvidos nesta relação inicial são produtores dos grandes conflitos entre elas. Desta maneira elas podem ficar no Édipo por um longo tempo, podendo destruí-lo tardiamente e até de forma incompleta. Não existe uma ameaça da perda do pênis que faça com que ela resolva o complexo de Édipo. Dessa maneira Freud entende que a instalação do superego nas meninas pode sofrer algum prejuízo, e que a inveja do pênis provoca profundas marcas em seu desenvolvimento, chegando a afirmar que influencia na formação de seu caráter. O reconhecimento de sua castração vem junto com um sentimento de inferioridade em relação aos homens e, mesmo assim, ela revolta-se perante esse destino.

Freud incluiu a fase pré-edipiana no complexo de Édipo, que continua sendo o núcleo das neuroses, e investiga a complexidade do vínculo entre mãe e filha. E escreveu

“Na verdade, tínhamos de levar em conta a possibilidade de um certo número de mulheres permanecerem detidas em sua ligação original à mãe e nunca

alcançarem uma verdadeira mudança em direção aos homens. Assim sendo, a fase pré-ediípiana nas mulheres obtém uma importância que até agora não lhe havíamos atribuído.” (Freud, 1974, p. 260)

Outra conclusão importante nesse estudo foi a de que a ligação da filha com a mãe perdura por muitos anos, podendo exercer forte influência na vida da filha já adulta, e que o vínculo com o pai é uma transferência do laço desenvolvido anteriormente com a mãe.

“Comecei por enunciar os dois fatos que me impressionaram como novos: que a intensa dependência de uma mulher quanto ao pai simplesmente assume a herança de uma ligação igualmente forte com a mãe, e que essa fase primitiva demora um período de tempo inesperadamente longo.” (Freud, 1974, p. 261)

Além da separação da mãe, que permite o laço amoroso com o pai, e a mudança de órgão sexual realizada posteriormente Freud apresenta outra descoberta acerca do desenvolvimento da sexualidade feminina. Primeiramente a atividade da menina em relação ao clitóris apresenta um caráter masculino e depois, a relação da menina com a vagina possui um caráter passivo. A relação da menina com o pai também caracteriza-se por uma passividade. *“Em outras palavras, à mudança em seu próprio sexo deve corresponder uma mudança no sexo do objeto”* (Freud, 1974, p. 263)

A partir do impacto de se descobrir castrada, acontecimento decisivo no tornar-se da mulher, Freud construiu três caminhos para o desenvolvimento da sexualidade da menina: o da neurose ou o da inibição sexual, o da masculinidade (“complexo de masculinidade”) e o da feminilidade (“feminilidade normal”).

A ideia principal do primeiro destino, que já vimos, é que o complexo de castração gera um complexo de inferioridade nas mulheres, e a desvalorização das mulheres em geral as quais inicialmente desvalorizam outras mulheres por isso. E que, por conseguinte, este rebaixamento de valor sobre elas pode incidir nas relações com os homens. Freud entende que a menina sofre um profundo abalo no seu amor próprio ao perceber as diferenças sexuais entre os gêneros, já que os meninos aparecem portando um órgão superior ao delas. A descoberta da



castração da mãe promove um afastamento da menina, o abandono da atividade prazerosa do clitóris e, por fim, o recalque de reprimir muitos dos seus impulsos sexuais.

O segundo caminho possível para uma mulher após descobrir-se castrada é a masculinidade (ou “complexo de masculinidade” como relata Freud), onde ela recusa este acontecimento e identifica-se intensamente com sua “mãe fálica” ou com seu pai. Freud deixa claro que não se sabe porque a menina seguiu nessa direção, e declara que o importante é notar que o percurso em direção à passividade, próprio da feminilidade, foi evitado. A sua masculinidade ameaçada e o desejo de ter um pênis permanecem por um longo período. Uma escolha de objeto homossexual pode ser resultado deste percurso. Freud fala da possibilidade da presença de fator constitucional nestes casos.

A essência do percurso em direção à feminilidade, o terceiro caminho, envolve a transformação de uma postura ativa para uma disposição passiva nas relações amorosas, o comportamento ativo em correspondência com a qualidade do masculino e a atitude passiva em concordância com o atributo do feminino. Esse percurso não é definitivo, observam-se oscilações destas posições durante a vida das mulheres. Na infância a menina precisa abandonar um comportamento ativo correspondente à fase pré-edípica chamado de período masculino inicial, em que predominam as atividades de masturbação clitoridiana. Devido à inveja do pênis causada pelo impacto da castração e dos sentimentos hostis em relação à mãe, ela se volta para o pai com o objetivo de obter dele o pênis-falo. O vínculo em relação ao pai se faz por uma libido com fins passivos ou femininos.

“Vemos, portanto, que a fase de ligação exclusiva à mãe, que pode ser chamada de fase *pré-edípica*, tem nas mulheres uma importância muito maior do que a que pode ter nos homens. Muitos fenômenos da vida sexual feminina, que não foram devidamente compreendidos antes, podem ser integralmente explicados por referência a essa fase” (Freud, 1974, p. 265)

Freud deixa claro o quanto à relação com a mãe na fase pré-edípica constitui o psiquismo da menina e começa a tentar desvendar como ocorre a separação entre elas. São muitos os motivos que levam a menina a separar-se da

mãe. O ciúme de um novo irmãozinho (já que a criança exige exclusividade de amor, e é frustrada nessa mesma demanda), um ressentimento por sofrer repressão da sua atividade sexual infantil fálica, o complexo de castração (que traz um complexo de inferioridade com a identificação com a mãe e um ressentimento para com ela), e a própria natureza de um vínculo intenso e tão ambivalente como esse, que por isso mesmo tem o destino de ser diluído.

Ao falar das brincadeiras de boneca das meninas Freud mostra a relação delas com a mãe, a experiência de possuírem objetivos sexuais ativos, promovendo uma oscilação entre passividade e atividade, e a expressão do lado ativo da feminilidade. Mais adiante no texto ele deixa claro que só existe uma libido, sempre ativa, mas que possui duas modalidades de satisfação, alvos ativos e passivos.

“A predileção que as meninas têm por brincar com bonecas, em contraste com os meninos, é comumente encarada como sinal de uma feminilidade precocemente desperta, e isso não sem razão; não devemos, porém, desprezar o fato de que nisso encontra expressão é o lado *ativo* da feminilidade e que a preferência da menina por bonecas provavelmente constitui prova da exclusividade de sua ligação à mãe, com negligência completa do objeto paterno.” (Freud, 1974, p. 272)

Freud concluiu que o complexo de castração era o principal evento de separação da menina que resulta no investimento libidinal em direção ao pai.

“A transição para o objeto paterno é realizada com o auxílio das tendências passivas, na medida em que escaparam à catástrofe. O caminho para o desenvolvimento da feminilidade está aberto à menina, até onde não se ache restrito pelos remanescentes da ligação pré-edipiana à mãe, ligação que superou.” (Freud, 1974, p. 275)

As “Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise” (1933[1932]) foram escritas com a ideia de serem continuações e suplementos, das primeiras (1916-1917 [1915 – 1917]). Na conferência XXXIII, “Feminilidade”, Freud retoma o tema da sexualidade feminina, que sempre apareceu na sua obra, como algo enigmático, e constrói um percurso para chegar a uma característica que seja exclusivamente da mulher, a algo como o caráter feminino - “Através da história,

as pessoas têm quebrado a cabeça com o enigma da natureza da feminilidade.” (Freud, 1976, p.140)

As diferenças entre homens e mulheres na ciência anatômica, que é muito objetiva ao descrever os dois organismos e os órgãos sexuais respectivos são exploradas. Para esta ciência o que indica bissexualidade são os casos, raros, onde se identifica determinadas partes do aparelho sexual masculino no corpo da mulher e vice-versa. A origem das qualidades comportamentais femininas presentes nos homens e as propriedades masculinas presentes nas mulheres ficaram sem respostas na anatomia pura.

Freud recorre então à psicologia, para as características mentais e comportamentais que seriam atributos do masculino e do feminino (a ideia de bissexualidade também é transposta para esse campo de estudo). Ele explica que estas características estão relacionadas a posições ou comportamentos ativos e passivos, respectivamente, e que também não servem para caracterizar o que é específico do homem ou da mulher.

Continuando suas investigações, Freud explica toda a dificuldade para encontrar algo que seja próprio do feminino, e apresenta uma teoria extremamente inovadora para a época: a mulher torna-se mulher. Assim apresentou a sua ideia:

“De acordo com sua natureza peculiar, a psicanálise não tenta descrever o que é a mulher – seria esta uma tarefa difícil de cumprir - mas se empenha em indagar como é que a mulher se forma, como a mulher se desenvolve desde a criança dotada de disposição bissexual.” (Freud, 1976, p. 144)

A partir daí o trabalho segue com as teorias já apresentadas no texto sobre sexualidade feminina de 1931. Desenvolve a ideia de que, da perspectiva do desenvolvimento da sexualidade, para tornar-se mulher a menina deverá realizar dois trabalhos: a substituição do órgão que alcança o prazer sexual, passa do clitóris para a vagina, e a mudança de categoria de objeto amoroso, que passa da mãe para o pai. Processos esses diferentes e mais complexos do que o que ocorre com os meninos. Neste trabalho Freud chama atenção para a separação mãe e filha que é realizada através de um embate carregado de sentimentos intensos e

ambivalentes. Espera-se que os pontos mais complexos e importantes da estruturação psíquica e sexual já deverão estar prontos antes da chegada da adolescência.

A fase pré-edípica, onde o primeiro vínculo amoroso é estabelecido com a mãe, caracteriza-se como um período extremamente importante e complexo, que produz grandes consequências no desenvolvimento da sexualidade na mulher. Os efeitos desta relação apresentam-se sob várias formas. A separação não flui com naturalidade, e é atingida com ódio e agressividade. Este rompimento é fundamental para promover o caminho em direção ao pai.

Neste texto Freud deixa claro que o complexo de castração é o evento fundamental na origem da hostilidade que provoca a separação da mãe no percurso da menina em direção ao pai e à feminilidade e que o desejo de possuir o pênis permanece inconscientemente na vida da mulher, constituindo o seu psiquismo. Muitas vezes esse desejo é substituído pelo de ter um filho, onde o bebê assume o lugar do pênis. Entretanto, em vários momentos da vida há uma oscilação tanto da feminilidade quanto da masculinidade.

“Afim, a distinção anatômica [entre os sexos] deve expressar-se em consequências psíquicas. Foi uma surpresa, no entanto, constatar, na análise, que as meninas responsabilizam sua mãe pela falta de pênis nelas e não perdoam por terem sido, desse modo, colocadas em desvantagem.” (Freud, 1976, p.153)

Após todo esse desenvolvimento teórico Freud apresenta algumas características da sexualidade feminina envolvidas em suas relações objetais. Ele relembra a posição narcísica da mulher que descreveu no seu trabalho sobre narcisismo, onde demonstra que a feminilidade está carregada de narcisismo, e diz que a mulher necessita muito mais ser amada do que amar. Destaca também que o comportamento delas de se enfeitar, se arrumar, de preocupar-se em estar bonita estariam relacionados a uma compensação pela falta do falo.

Freud chama atenção para a grande transformação que ocorre na mulher ao tornar-se mãe e que abala a relação do casal. Relata que o antigo desejo de possuir um pênis ressurgiu neste momento: *“Uma mãe pode transferir para seu filho*

*aquele desejo que teve que recalcar, e dele esperar a satisfação de tudo aquilo que nela restou do seu complexo de masculinidade.” (Freud, 1976, p. 163).* A recente mãe distancia-se da feminilidade ao assumir uma postura de completude fálica ao possuir o seu falo-bebê, já que neste período inicial a relação deles ainda é simbiótica.

Em relação a um casamento feliz, Freud aponta para uma escolha objetal no modelo do complexo de Édipo paterno. Mas em alguns casos os poderosos vínculos com a mãe retornam para a mulher e interferem fortemente na relação do casal. Dessa maneira esta relação ambivalente é transferida para a relação do casal e produz conflitos neuróticos no relacionamento. A partir daí Freud acredita que um segundo casamento poderia ser melhor para essa mulher, onde o modelo de relação neurótica teria se esgotado.

Mais adiante Freud sinaliza para uma rigidez psíquica presente em mulheres de trinta anos para tomar novos rumos na vida. Ele disse que a libido teria adotado “posições definitivas” revelando uma imutabilidade psíquica, como se tivessem ficado esgotadas do percurso em direção à feminilidade. Comparadas com os homens da mesma idade, notava-se uma grande diferença entre eles. Os homens apareciam como imaturos e necessitados de se desenvolver. Freud mostra mais uma vez as diferenças entre homens e mulheres e que o desenvolvimento de ambos não segue um caminho linear e paralelo. Pode-se pensar que naquela época, não haveria outra possibilidade de sujeito após as mulheres tornarem-se mães.

Estes exemplos de Freud apontam mais para uma reflexão do que para uma confirmação teórica. Ele escreve que o filho homem traria a verdadeira satisfação para a mulher já que ele comporta o falo. E que para que se tenha um casamento seguro a esposa deveria fazer do marido um filho e se comportar como mãe dele. Um outro ponto que causa estranheza é quando atribui as mulheres menos senso de justiça e que seriam “mais débeis em seus interesses sociais” e com menor aptidão para a sublimação de seus impulsos do que os homens.

## O COMPLEXO DE ÉDIPO EM LACAN

“Não existe a questão do Édipo quando não existe o pai, e, inversamente, falar do Édipo é introduzir como essencial a função do pai.” (Lacan, 1999, p. 171)

Freud desenvolveu o complexo de Édipo como sendo o núcleo das neuroses e o período de constituição psíquica do sujeito, no qual ele realiza os primeiros e principais vínculos afetivos, as identificações estruturais e onde ocorre um posicionamento da própria sexualidade. Ele enfatiza os aspectos afetivos, os laços estabelecidos pela criança e principalmente os desejos infantis.

Através da função paterna ou metáfora paterna Lacan desenvolveu um complemento fundamental ao complexo de Édipo. Ele formaliza as funções materna e paterna no sentido de ações realizadas sobre a criança e sobre essa dinâmica afetiva.

“A função do pai tem seu lugar, um lugar bastante grande, na história da análise. Está no centro da questão do Édipo, e é aí que vocês a veem presente. Freud introduziu-a logo de início, uma vez que o complexo de Édipo aparece desde *A ciência dos sonhos*. O que o inconsciente revela, no princípio, é acima de tudo, o complexo de Édipo.” (Lacan, 1999, p.166)

Lacan retomou o complexo de Édipo de Freud e organizou, trabalhou e aumentou a importância da função do pai. Freud desenvolveu o Édipo, o triângulo pai-mãe-filho, como uma dinâmica estruturante do psiquismo.

Após Freud houve uma grande valorização da mãe no desenvolvimento psicológico do bebê e com intervenção de Lacan aconteceu uma retomada da importância do pai neste processo. A função do pai, que precisava receber um lugar tão fundamental quanto o da mãe na constituição do sujeito.

Sobre a relação primordial da mãe com o bebê Lacan demonstra que primeiramente a relação é de simbiose e o que produz a separação e introduz a ordem simbólica é a função paterna. Esta não precisa ser necessariamente

exercida pelo pai biológico. O desejo da mãe não está unicamente direcionado para a criança, ele direciona-se para um para-além. É a posição do pai na ordem simbólica que está no lugar deste para-além. O desejo do Outro é estrutural e comporta algo mais que o bebê. O discurso da mãe já se encontra na ordem simbólica, mas ainda era preciso a função do pai para estruturar e separar a relação mãe-bebê.

No seminário “As formações do inconsciente”, no capítulo “A lógica da castração”, Lacan demarca a função do pai no complexo de Édipo, e na parte IX – “A Metáfora Paterna” introduz o que chama de estrutura.

Inicialmente Lacan desdobra o complexo de Édipo em três abordagens históricas em relação a sua função. Primeiro o objetivo deste complexo é da estruturação da ética e moral do sujeito que está relacionado com a formação do superego. O segundo encontra-se nas relações com a realidade (surgem às diferenças entre neurose, psicose e perversão) e o terceiro propósito corresponde ao lugar do sujeito na sua sexualidade, que está estritamente ligada à função do Ideal do eu.

Lacan segue suas associações em relação ao complexo de Édipo e busca a função do pai nesta relação triangular. A primeira consiste em interditar a mãe, proíbe a mãe da posse do objeto. Inicialmente a relação da mãe com o bebê é de não separação. Através do complexo de castração, da possibilidade de haver uma castração, o pai legitima a lei da proibição do incesto. Com esta intervenção do pai a criança lhe dirige a sua agressividade e a ameaçada castração é entendida com uma resposta a essa agressividade.

No caso do menino primeiro o pai proíbe a mãe e a ameaça de castração acontece no plano imaginário. Num segundo momento o pai surge no campo do simbólico como detentor da lei, ele está presente simbolicamente exercendo o seu direito de posse da mãe. E Num terceiro tempo o pai torna-se o preferido. Neste caso acontece a identificação final do menino. Sobre esta última etapa Lacan afirma que: *“Direi mais: é aí que se centra a questão da diferença do efeito do complexo de Édipo no menino e na menina.” (Lacan, 1999, p.179)*

Diferentemente do que acontece com o menino, a entrada do Édipo é difícil para a menina, pois envolve a separação da mãe que é carregada de sentimentos intensos e ambivalentes, em que os sentimentos hostis são os que provocam o afastamento da mãe e o direcionamento da menina para o pai. O vínculo com o pai é mais simples já que ele é portador do falo. No caso do menino a ligação com o pai forma uma identificação onde emergem as características masculinas, a virilidade. É importante destacar que na saída do Édipo onde há a internalização das normas e leis e o estabelecimento do superego, forma-se um reconhecimento por parte do menino de que realmente ele não tem o falo e no caso da menina a certeza de que ela não o tem.

Seguindo essa teoria, o pai, na função paterna interdita a mãe, fazendo a separação da mãe e do bebê; é o representante da lei que constitui o simbólico e das normas que serão internalizadas na saída do Édipo; e também se faz de modelo para a identificação masculina. Lacan destaca a principal função do pai no complexo de Édipo ao dizer que o pai é uma metáfora. *“O pai é o pai simbólico”* (Lacan, 1999, p.180)

A metáfora consiste em ser um significante que surge no lugar de outro significante. No caso do Édipo o pai vem estar no lugar do primeiro significante para a criança, que recalca o desejo da mãe, ou o significante materno.

“Digo exatamente: o pai é um significante que substitui um outro significante. Nisso está o pilar, o pilar essencial, o pilar único da intervenção do pai no complexo de Édipo. E, não sendo nesse nível que vocês procuram as carências paternas, não irão encontrá-las em nenhum outro lugar.” (Lacan, 1999, p.180)

Num primeiro momento a criança é o falo tanto do ponto de vista da mãe quanto da própria criança que tenta ser o objeto de desejo da mãe. É a dinâmica psíquica que Lacan descreve como alienação. A partir das idas e vindas da mãe, a criança percebe que ela não é o único objeto de desejo da mãe e que a mãe deseja algo para além dela, iniciando assim o processo de separação, juntamente com a intervenção do pai. A alienação e a separação são os processos psíquicos que o sujeito realiza ao longo de sua vida.



Para Freud o complexo de Édipo tem uma função de estruturação psíquica e para Lacan esta estruturação equivale à entrada no simbólico. O simbólico corresponde à estrutura metafórica, e a metáfora é uma formação do inconsciente.

Na parte X – “Os três tempos do Édipo”, Lacan continua a trabalhar a metáfora paterna e afirma que a estrutura de metáfora é que articula o complexo de Édipo e o complexo de castração.

Retomando os primeiros vínculos do bebê, tem-se a relação mãe e filho e depois,

“A posição do nome-do-Pai como tal, a qualidade do pai como procriador, é uma questão que se situa no nível simbólico. (...) Pelo simples fato de vocês instituírem uma ordem simbólica, alguma coisa corresponde ou não à função definida pelo Nome-do-Pai, e no interior dessa função vocês colocam significações que podem ser diferentes conforme os casos, mas que de modo algum dependem de outra necessidade que não a necessidade da função paterna, à qual corresponde o Nome-do-Pai na cadeia significante.” (Lacan, 1999, p.187)

Lacan trata esse triângulo de triângulo simbólico, *“como instituído no real a partir do momento em que há uma cadeia significante, a articulação de uma fala.”* (Lacan, 1999, p.187)

Nesse período primário a criança deseja captar o desejo da mãe, como Lacan (1999) escreve: *“seu desejo é o desejo do desejo da mãe”*. Neste momento o bebê se faz de falo para a mãe, se identifica com o falo, com o propósito de estar no lugar de seu desejo. É nas idas e vindas da mãe que a criança se separa dela, e começa a notar que a mãe tem um desejo para além dele. A relação com o falo já se mostra presente nesta relação primordial, nela o objetivo da criança é ser o falo, e posteriormente, com a função paterna no complexo de Édipo as relações passam a ser permeadas pelo ter o falo. A atenção da mãe é o objeto simbólico que estrutura o Édipo e que instaura o complexo de castração. Lacan relata que:

“Se articularmos passo a passo essa gênese, se assim posso dizer, que faz com que a posição do significante paterno no símbolo seja fundadora da posição do falo no plano imaginário, se conseguirmos distinguir claramente os tempos

lógicos, por assim dizer, da constituição do falo, no plano imaginário, como objeto privilegiado e preponderante, e se da distinção entre eles resultar que possamos orientar-nos melhor, interrogar melhor tanto o doente em exame quanto o sentido da clínica e da condução da análise, consideraremos nossos esforços justificados.” (Lacan, 1999, p.189)

Lacan separa privação, frustração e castração. Num primeiro momento o pai priva a mãe do objeto de desejo, priva a mãe do bebê/falo. Essa privação acontece numa estrutura simbólica já instaurada, pois priva-se do falo enquanto símbolo. Lacan coloca que do ponto de vista do bebê lhe é questionado (no plano inconsciente) se aceita ou não essa privação, para que então o complexo de Édipo prossiga. A criança nota que o objeto de desejo da mãe é o pai, justo este que possui o falo e que pode castrar, assim ela direciona o seu olhar para o pai formando um novo vínculo afetivo. Lacan deixa claro que neste momento onde a criança se separa da mãe, deixa de ser o seu objeto de desejo, e aceita a intervenção do pai como fundamental para a estruturação psíquica do sujeito. Isto é, o sujeito aparece nas relações edípicas como identificado ao objeto de desejo ou separado e constituído neuroticamente como um sujeito separado. Sobre esse assunto Lacan formula duas perguntas que são essenciais para a clínica: *“qual é a configuração especial da relação com a mãe, com o pai e com o falo que faz com que a criança não aceite que a mãe seja privada, pelo pai, do objeto de seu desejo? Em que medida num dado caso, é preciso apontar que, em correlação com essa relação, a criança mantém sua identificação com o falo?”* (Lacan, 1999, p.192)

No primeiro momento a relação com o falo corresponde ao ser ou não ser. No próprio complexo de Édipo e de castração, a relação é de ter ou não ter o falo, aqui se supõe que se pode tê-lo ou não, e surge a possibilidade de ser castrado. O falo é um objeto que pode faltar. Ao final desse processo, do percurso por esses complexos, espera-se que o menino tenha adquirido as características masculinas, a identificação com o pai possuidor do falo e que a menina esteja pronta para tornar-se mulher.

O pai como portador da lei, tem o papel fundamental de interdição do incesto, proíbe a mãe para o bebê. Lacan também fala de lei da mãe, porém ela é

sem limites, descontrolada e caprichosa. Quando ele se refere à lei da mãe é porque existe um desejo que é articulado a uma lei. A mãe “voraz” está inserida no simbólico, submetida ao Outro e à ordem fálica. Como é uma lei que precisa de ordem e contornos, a lei paterna se faz fundamental.

Lacan, 1999, afirma que “não há sujeito se não houver um significante que o funde.” E coloca a importância do desejo na constituição do sujeito, o quanto a criança ser desejada pela mãe (já que é a relação primordial) instala as bases da constituição do sujeito. Inicialmente a criança é um ser assujeitado, isto é, inteiramente dependente de quem cuida e do desejo deste. A mãe traz o pai para limitar, organizar e fazer barreiras ao seu capricho e a sua lei descontrolada e para mediar essa relação mãe-bebê. E é o Nome-do-Pai, aquele que priva a mãe do objeto de desejo que será aceito ou não pela criança.

Após toda essa articulação da sua teoria com o complexo de Édipo freudiano, dando-lhe uma roupagem linguística, Lacan esquematizou e dividiu o complexo de Édipo em três tempos.

Primeiro a posição da criança é a de buscar o desejo da mãe e poder satisfazê-lo. Do ponto de vista da mãe também há uma busca de seu desejo, porém em outro lugar, para além da criança. O outro discurso que capta a mãe é o do pai.

Numa segunda etapa o pai surge como rival quando atrai o desejo da mãe e também como representante da lei que impede o incesto, ele priva a mãe do seu objeto de desejo e a criança de ser o falo. Ele aparece mediado pelo discurso da mãe, ambas as etapas ocorrem no plano imaginário. É o momento da grande questão que é o ter ou não ter o falo constituinte do complexo de castração. No plano simbólico o Outro tem ou não o falo. Lacan afirma que aí está a chave do Édipo e diz que:

“A estreita ligação desse remeter a mãe a uma lei que não é a dela, mas a de um Outro, com o fato de o objeto de seu desejo ser soberanamente possuído, na realidade, por esse mesmo Outro a cuja lei ela remete, fornece a chave da relação do Édipo. O que constitui seu caráter decisivo deve ser isolado como relação não com o pai, mas com a palavra do pai.” (Lacan, 1999, p.199)

A terceira etapa é à saída do Édipo. O pai aparece e intervém como possuidor do falo e por isso encontra-se no lugar do Ideal do eu. O menino resolve o Édipo ao se identificar com o pai. É com a internalização das leis interventoras do pai que se constituirá o supereu. Com a menina é diferente, ela se dirige ao pai como objeto já que é ele que tem o falo.

Lacan inicia o texto “A significação do falo”, presente nos “Escritos”, falando da importância do complexo de castração. Destaca que ele se passa no inconsciente e que tem uma função de nó na construção e na dinâmica dos sintomas, no sentido daquilo que é analisável tanto nas neuroses como nas psicoses ou nas perversões. Isto é o complexo de castração identifica algo da estrutura psíquica. E também permite ao sujeito tomar uma posição inconsciente diante da sua sexualidade, posição esta que poderá futuramente fazer par com um outro no sentido de parceria sexual. Ele traz a ideia de que a sexualidade do sujeito é inconsciente e que muitas vezes diverge da anatomia. E valoriza a clínica psicanalítica para demonstrar e construir a teoria.

“É somente com base em fatos clínicos que a discussão pode ser fecunda. Estes demonstram uma relação do sujeito com o falo que se estabelece desconsiderando a diferença anatômica entre os sexos e que por essa razão, é de interpretação especialmente espinhosa na mulher, e em relação à mulher, (...)” (Lacan, 1998, 693)

Depois aponta para a especificidade da mulher no complexo de castração e utiliza a teoria do significante para dar conta do que acontece com a mulher neste período. Tenta explicar o motivo de a menina sentir-se castrada ou de que veio ao mundo desprovida do falo, acontecimento provocado por sua mãe ou por seu pai; o porquê da mãe ser vista como fálica por seus filhos; como a descoberta da castração da mãe produz consequências significativas no sentido de formação de sintomas, e por fim, como que essa trama psicológica culmina na fase fálica.

A teoria de que o significante se sobrepõe ao significado onde é o significante que tem a função de produzir a significação, Lacan leva para o conceito de falo e o eleva ao estatuto de significante mestre onde gira toda a problemática do complexo de castração. Não se trata mais do órgão masculino, o

pênis e sim do falo. O pênis é uma das representações do falo, por outro lado, a mulher não porta no corpo um órgão que tenha essa representação tão forte e significativa.

“Pois o falo é um significante, um significante cuja função, na economia intra-subjetiva da análise, levanta, quem sabe, o véu daquela que ele mantinha envolta em mistérios. Pois ele é o significante destinado a designar, em seu conjunto, os efeitos de significado, na medida em que o significante os condiciona por sua presença de significante”. (Lacan, 1998, 697)

Neste trabalho Lacan retoma a fase inicial do bebê onde encontra-se alienado a mãe e que o seu desejo é captar o desejo da mãe, e por isso mesmo quer ser o falo para ela. Posteriormente, após a metáfora paterna, a questão não gira mais em torno do ser e passa para a de ter o falo. Ou então, não se trata mais de ser o objeto causa de desejo, mas, para o de possuir o objeto de desejo. E nesse momento a criança já se encontra capaz de realizar elaborações em torno desta questão, ela já está imersa no simbólico, na linguagem.

E em relação à assunção de seu sexo, ao final do complexo de Édipo e do complexo de castração Lacan diz que o falo também determina a forma de como as relações, entre os sexos, são constituídas. E como o ser e o ter, o falo, encontram-se presentes nestas relações.

“Mas, atendo-nos à função do falo, podemos apontar as estruturas a que serão submetidas as relações entre os sexos.

Digamos que essas relações girarão em torno de um ser e de um ter que, por se reportarem a um significante, o falo, têm o efeito contrário de, por um lado, dar realidade ao sujeito nesse significante e, por outro, irrealizar as relações a serem significadas”. (Lacan, 1998, 701)

O falo, ao mesmo tempo, que determina o sujeito, supostamente preenche a falta. E assim permite que sejam construídos ideais ou comportamentos típicos do ser homem ou do ser mulher que os ajudam a se relacionar inclusive sexualmente.

No caso da mulher, Lacan aponta para uma questão paradoxal. Para formar um encontro ela precisa estar no lugar do falo, de objeto de desejo do Outro,

porém, para isso precisaria renunciar algo de sua feminilidade representado pela mascarada. Isto é ela teria que estar faltosa e ser amada por isso.

O fato da mulher, assim como o homem, constituir-se falicamente permitiu a Lacan fazer uma associação teórica com Freud. Da mesma forma que o falo é um representante viril, para Freud só existia uma libido, de caráter masculino e de comportamento ativo.

## A COMPLEXIDADE DA RELAÇÃO MÃE E FILHA

“A figura da mãe, para uma menina, desdobra-se em uma função materna e em uma função feminina na medida em que a mãe é também uma mulher” (Zalberg, 2003, 15)

Freud desenvolveu as teorias do complexo de Édipo e do complexo de castração e tentou dar conta das diferenças sexuais e da feminilidade. Com o complexo de Édipo mostrou a constituição do sujeito a partir dos primeiros vínculos amorosos e com o complexo de castração definiu o marco das diferenças sexuais, que do ponto de vista psíquico tem como consequência um posicionamento do sujeito diante da sua sexualidade. No caso dos meninos esse percurso chega a um fim que tem como consequência a dissolução do complexo de Édipo, uma identificação viril e a instituição do superego. No caso das meninas esse percurso mostra-se bem diferente. Freud relatou que muitas vezes elas não resolvem o complexo de Édipo, e que alguma coisa diferente acontece com seu superego, como se fosse organizado de forma falha. As mulheres costumam fazer seus julgamentos e tomar suas posições diante de uma questão a partir do seu estado emocional, por exemplo. A recomendação de Freud é que deve-se valorizar o período pré-edípico para se entender a constituição da mulher e o futuro da mulher. Esse futuro envolve a aquisição ou não de um casamento, uma escolha homossexual, uma vida amorosa neurótica, a feminilidade plena e a maternidade.

É importante destacar que a identificação viril com o pai é estruturante para ambos os sexos, porém não resolve o Édipo na menina. Como fica faltando uma identificação feminina a filha retorna o seu interesse para a mãe e futuramente vai buscar em outras mulheres esse símbolo feminino. Esse retorno à mãe é a marca e a especificidade da relação mãe e filha e é aí que aparece a dificuldade de aceitar que a mãe não tem o significante feminino para lhe dar.

Lacan trabalha o complexo de Édipo demonstrando que a função paterna, metáfora paterna é fundamental para a construção psíquica inserida na estrutura simbólica. Isso corresponde à introdução da lei, à separação mãe-bebe, à

constituição de um sujeito com a possibilidade de estar organizado segundo a estrutura neurótica. Ele divide o complexo de Édipo em três tempos e mostra que é ao final que ocorre a identificação viril por parte do menino. A mulher também está referida a ordem fálica, e também passa por uma identificação viril. Mas tem algo a mais que a constitui e que lhe dá mais trabalho no ser mulher, o gozo feminino. Lacan constrói o conceito de gozo feminino, que o homem também pode experimentar em momentos de sua vida, no seminário 20, “Mais ainda”, bem depois do trabalho sobre metáfora paterna e complexo de Édipo no seminário 5, “As formações do inconsciente”.

A teoria lacaniana vai mais além ao demonstrar que a metáfora paterna não separa totalmente a mãe da filha, fica alguma coisa não separada e fora do simbólico e da linguagem. A identificação viril está no campo do simbólico. A ideia é de que a mulher vivencia mais o Real porque há algo na sua constituição que o simbólico não recobre.

Outro ponto importante esclarecido por Lacan foi separar falo de pênis. O menino porta no corpo o pênis que é um representante fálico e essa estrutura parece interferir na sua organização enquanto homem. Mesmo portando um pênis, ao final do complexo de Édipo o menino apresenta o reconhecimento de que não tem o falo. Na teoria Lacaniana o falo é o significante que inscreve o sujeito na ordem simbólica, ele organiza o sujeito numa determinada lógica psíquica. As mulheres também estão organizadas dentro da lógica fálica mesmo não portando o pênis. Como elas não portam no corpo um órgão que coincide com um significante inconsciente, Lacan conclui que não existe um significante psíquico que seja representativo do sexo feminino, que o órgão sexual da mulher não está inscrito no inconsciente. Esta condição promove profundas marcas na formação da identidade da mulher. A inscrição do falo no inconsciente é de que a mulher não o tem e o homem tem. O falo organiza uma posição de identificação, pois está no lugar do significante do desejo.

Dessa maneira a mulher parece sempre buscar por um significante que a represente, um lugar para seu ser. O tornar-se mulher envolve uma identificação fálica e ao mesmo tempo um reconhecimento da sua falta. A mulher que está em busca do falo, e de ser fálica contrapõe-se à feminilidade que envolve estar num



lugar de objeto de desejo. A maternidade que aparecia como um dos destinos da mulher para resolver o Édipo, representa uma das formas para que a mulher se sinta detentora do falo, já que o bebê é equivalente simbólico do falo. Dessa maneira, o tornar-se mãe distancia a mulher da posição feminina de ser objeto, e lhe impõe mais um desafio em seu caminho em direção à feminilidade. É Lacan que separa maternidade de feminilidade, a maternidade está do lado do ter, ter o falo, e a condição feminina encontra-se do lado do ser, ser objeto, estar no lugar de objeto para um homem.

“Tanto é que a saída pela vertente do “ter” não soluciona a questão da feminina é que todas as conquistas fálicas da mulher dos nossos tempos – fortuna, poder, influência, sucesso profissional – não superam a pendência identificatória na ordem do “ser”; esta continua sendo a grande questão da mulher”. (Zalberg, 2008, 56)

No livro “Amor paixão feminina” Malvine Zalberg enfatiza justamente a mudança da mulher em relação ao marido após tornar-se mãe. E lembra que a queixa dos maridos de que as esposas não lhe dão a mesma atenção que dedicavam antes do nascimento dos filhos é bastante frequente.

Zalberg retoma a tragédia de Medéia que Lacan usou para ilustrar o que pontuou sobre a “verdadeira mulher”, que seria quando o lado materno ficaria abaixo da posição feminina. Medéia sacrifica os filhos em nome do seu amor, Jasão.

As questões de ter o falo, da busca pelo significante feminino e da posição de ser objeto estão infiltradas na constituição da mulher. Tanto na maternidade quanto na histeria há uma dificuldade de estar na posição de objeto. No caso da histeria há uma divisão onde a mulher seduz, com importantes atributos femininos, e ao mesmo tempo não aceita ficar no lugar de objeto. A histérica é feminina na aparência, porém, mantém sua posição fálica. Esse é o seu maior conflito, ela quer e não quer ao mesmo tempo o homem, e uma das saídas para esse drama é o sintoma neurótico ou conversivo.

Uma outra forma de ver a origem de um conflito na mulher e a angústia pela aspiração ao significante feminino está na relação mãe e filha. O retorno da menina para a mãe com o objetivo de receber a sua insígnia feminina, o

significante feminino, demonstra que o Édipo não se resolveu com o pai e que o vínculo entre as duas ganha uma maior intensificação.

Vários textos de Lacan aprimoraram o entendimento da complexidade da relação mãe-e-filha, permitindo algum conhecimento do que é ser mulher, indo mais além do que Freud havia escrito. Como Freud ele valoriza essa relação como fundamental e enfatiza o quanto é uma relação extremamente intensa ao ponto de se fazer presente em toda a vida da mulher.

A fase pré-edípica foi valorizada por Freud nos seus trabalhos sobre sexualidade feminina. Neles ele mostrou que o primeiro laço emocional tanto do menino quanto da menina era com a mãe. Escreveu também que, para a menina à separação da mãe somente ocorre através de uma ruptura carregada de sentimentos ambivalentes, de amor e agressividade, e que no futuro tanto a mãe quanto a filha perpetuam reedições desse vínculo intenso e poderoso.

A ligação com mãe produz na menina profundas marcas na sua constituição enquanto mulher e que seguem por toda a sua vida. Os processos identificatórios de constituição da feminilidade passam por essa relação. É devido a esse entrelaçamento entre elas e a intensidade desse laço emocional que a dificuldade de separação fica presente.

Durante sua obra Freud primeiro escreveu sobre a importância da mãe para o bebê no sentido dos primeiros cuidados, do primeiro vínculo emocional e da primeira apresentação da ligação de uma pulsão com uma necessidade do ser que é a amamentação. Neste período o pai mostrava-se importante no complexo de Édipo como o primeiro objeto de amor para a menina. Somente durante os estudos da sexualidade feminina que notou a importância da mãe para a filha no seu desenvolvimento enquanto mulher.

Malvine Zalcberg, ao longo de seu livro “A relação mãe e filha” demonstrou com profundidade e clareza as teorias de Freud e Lacan sobre a sexualidade feminina. Ao retomar Freud, a autora escreveu que: *“Na verdade, ele constata, a feminilidade de uma filha constitui-se pré-edípica e edipicamente “entre pai e mãe”*”. E seguindo Lacan: *“(…) nas relações diferenciadas que estabelece com ambos”*. (Zalcberg, 2003, p.14)

A lógica fálica foi desenvolvida primeiramente por Freud através do complexo de castração, e depois por Lacan a partir do aprimoramento do complexo de Édipo e da função do falo. O pai passou a tomar um lugar específico na relação triangular e a exercer uma função significativa que envolve a inserção do sujeito no simbólico, na estrutura simbólica.

“A lógica fálica que constitui a base da teoria do Édipo defendida tanto por Freud quanto por Lacan, baseia-se no fato de que o pai ocupa um lugar simbólico a partir do qual cabe-lhe regular as posições que a menina ou o menino ocuparão na família e na sociedade.” (Zalberg, 2003, p.14)

O pai produz a separação mãe-bebê, que é uma relação fechada. Primeiro o bebê está alienado à mãe, e depois de separado dela torna-se um sujeito único. É uma função de castração, pois aqui se impõe uma lei tanto para a mãe quanto para a criança: a mãe não é proprietária da criança e o bebê não tem só a mãe no mundo. A teoria lacaniana supõe que as funções psicológicas de alienação e separação são posições que são trabalhadas nesse período inicial da vida do sujeito, mas que em vários momentos da vida encontram-se presentes e com determinadas funções.

Inicialmente Freud descreve o desamparo do bebê e a sua dependência total de um outro, a mãe. A mãe, ao cuidar dele lhe satisfaz necessidades básicas e pulsionais, transmitindo assim o desejo. A amamentação é o modelo dessa relação. Depois, através das idas e vindas da mãe, e do estabelecimento da metáfora paterna, a falta é instalada. Além da mãe não dar conta de tudo que o filho necessita, ela lança o seu desejo para um outro lugar que não é a criança. Lacan condiciona a falta à estrutura do psíquico e é ela que possibilita o surgimento do desejo, sempre parcial e insatisfeito. No seu trabalho sobre a angústia Lacan mostra que a ameaça da falta faltar que é o detonador da angústia. No caso da menina o processo de separação da mãe é mais complexo ao ponto de ser difícil para uma filha o reconhecimento do próprio desejo.

“Por dificuldade de a mãe aceitar sua própria falta, ela pode tentar atender completamente a criança pela vertente da satisfação de necessidades; esmaga, dessa forma, qualquer vestígio da demanda de amor por parte da criança. No lugar de dar-lhe a falta, a mãe pode empanturra-la”. (Zalberg, 2003, 80)

A falta também representa uma dificuldade adicional para a mulher que corresponde à falta do significante feminino, portanto traz uma ameaça ao seu ser. Ela deve encontrar um lugar para a sua falta significativa a fim de preservá-la. A filha vai até ao pai em busca do falo e ao mesmo tempo com o objetivo de preservar a falta. Do ponto de vista da mãe, esta deve aceitar a sua falta para poder dar lugar ao pai, para o estabelecimento da lei. A teoria lacaniana mostra que é após o reconhecimento de que a mãe é castrada, de que é faltosa, que tanto as meninas quanto os meninos conseguem seguir adiante na sua constituição de sujeitos.

No processo de constituição do sujeito, Lacan descreve o traço unário como uma identificação primária com o pai, ao Outro paterno, que introduz na criança o simbólico e separa o bebê da mãe. Nesta situação o pai encontra-se no lugar daquele que deve receber amor, pois, apresenta-se como possuidor do falo. A criança vai em direção de quem é fálico. Na identificação ao Outro materno o sujeito encontra-se alienado, não separado enquanto sujeito e na identificação ao Outro paterno o falo enquanto barra e lei se faz presente. O Outro paterno inscreve o sujeito numa outra ordem, numa outra lógica psíquica.

Freud chamou atenção para os casos em que os pais são extremamente afetuosos e amorosos com o filho e que pode produzir uma situação oposta a esperada que é um filho bem neurótico. Por outro lado a sedução e os cuidados afetivos por parte deles tem um efeito estrutural. E no caso da mãe, que é a primeira pessoa a estimular o bebê para a vida, que vivencia uma relação de não separação com o bebê e que se excede nos cuidados já permite uma estrutura para a criança. É claro que a função paterna, que vem depois, vem a ser o grande evento estrutural do sujeito. Desde os “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” de 1905, que Freud tratava essas questões.

Em relação à mãe escreveu que: *“A mãe provavelmente se horrorizaria se lhe fosse esclarecido que, com todas as suas expressões de ternura, ela está despertando a pulsão sexual de seu filho e preparando a intensidade posterior desta”*. (Freud, 1989, 210) Em sobre os excessos de amor dos pais: *“É verdade que o excesso de ternura por parte dos pais torna-se pernicioso, na medida em que acelera a maturidade sexual e também, ‘mimando’ a criança, torna-se*

*incapaz de renunciar temporariamente ao amor em épocas posteriores da vida, ou de se contentar com menor dose dele”. (Freud, 1989, 210)*

E referenciando Freud Zalcberg disse que:

“Freud enfatizou o aspecto da sedução do cuidado materno, porque nunca deixou de se preocupar com os efeitos daquela experiência nos filhos. A sedução dos cuidados da mãe intervém invariavelmente perturbando o curso natural do processo de desenvolvimento e deixa consequências profundas e duradouras. É um dado estrutural na constituição do sujeito (...). As mães assumem uma importância incomparável, inalterável e permanente porque, através dos cuidados que dispensam a seus filhos, despertam estes para o gozo”. (Zalcberg, 2003, 130).

A função paterna deve ajudar no desenvolvimento da menina sob vários aspectos. Ele pode ficar no lugar de desejo para a mãe e assim desviar a atenção do bebê nesse sentido ou que aponte para a mãe outros objetos causa de desejo. E ele precisa livrar a criança da submissão do chamado capricho materno, ou como Lacan coloca: ao gozo do Outro materno. No caso do desenvolvimento da menina o pai precisa lhe ajudar de forma mais complexa. Ele precisa tornar-se objeto de desejo para filha, a partir da posse do falo, e depois simplesmente objeto de amor para a filha.

“Para ser estruturante, o olhar da mãe deve ser sustentado por seu desejo. A mãe, além disso, deve estar disposta a entrar nesse jogo de ilusão no qual a criança se engaja, de ser um objeto de satisfação para a mãe, embora esta deva lembrar-se que o gozo do outro lhe é interdito pela castração. A criança pode *ter* o objeto (a), mas não pode *sê-lo* na fantasia materna. É na medida em que a mãe renuncia a esse gozo que ela abre espaço para seu desejo e para o aparecimento da criança como sujeito.” (Zalcberg, 2003, 137)

Depois da separação da mãe o complexo de Édipo da menina e do menino será diferente. Essa intervenção paterna produzirá uma identificação viril com o pai tanto para a menina quanto para o menino. A ameaça de castração impulsiona o menino para a resolução do complexo de Édipo e a inveja do pênis promove outro destino para a menina. Primeiro elas gostariam de obter do pai o falo e depois tentam ser objeto de desejo do pai. Como elas não conseguem, voltam-se novamente para a mãe em busca de uma identificação feminina para tornar-se mulher. Elas retornam para a mãe em busca do falo ou do significante feminino.

Como é retorno para o primeiro objeto de amor, a mãe, o vínculo entre mãe e filha ganha uma nova intensidade e uma nova necessidade de separação. Assim percebe-se que o complexo de Édipo na menina não se resolve como o do menino, fica um resto dessa relação com a mãe. Segundo Zalcberg esta é uma grande contribuição de Lacan: *“Além da feminilidade de uma mulher constituir-se “entre pai e mãe”, como preconizara Freud primeiro e Lacan desenvolvera, a feminilidade se constitui “entre duas mães”. A figura da mãe, para uma menina, desdobra-se em uma função materna e em uma função feminina na medida em que a mãe é também uma mulher.”* (Zalcberg, 2003, p.15)

Ter ou não o falo, a lógica da castração é uma resolução do inconsciente para dar conta das diferenças sexuais. Para Lacan não existe no inconsciente algo que represente o órgão sexual da mulher que a constitua como mulher. A partir daí surgem todas as questões relacionadas às identificações femininas e do tornar-se mulher.

A grande questão da mulher é a separação da mãe. Para ter um futuro separado da mãe, cada menina precisará criar e inventar o seu ser mulher. Deverá produzir identificações femininas para fazer-se mulher. O problema acontece quando a separação entre mãe e filha torna-se complicada. Freud chamou atenção para esta situação e deixou claro que é daí que vem a maioria dos problemas neuróticos das mulheres. Lacan chamou de devastação esse drama de ódio e enamoramento da relação mãe-filha. Espera-se que a mãe ocupe dois lugares de identificação: o de mãe e o de mulher, e também que haja uma aceitação da mãe de que a filha é um sujeito separado, o que facilitaria o percurso dela. Assim, a menina precisa receber mais substância da mãe do que do pai para ser mulher. O complicador dessa situação é que ao mesmo tempo em que se une a mãe, necessita separa-se dela . Zalcberg chama atenção para esse lugar especial e importante que a mãe tem para a filha e para o percurso da feminilidade dela.

*“(...) a passagem do objeto-mãe ao objeto-pai não só é difícil como nem sempre se realiza. Depende, segundo Freud, das tendências passivas da menina terem escapado da catástrofe que representava a conservação dos movimentos pulsionais ativos da menina dirigidos à mãe. Continuar endereçando movimentos pulsionais ativos e passivos à mãe comprometeria, descobre Freud, o destino de mulher da filha”.* (Zalcberg, 2003, 29)

Na construção da teoria do complexo de Édipo Freud primeiro valorizou a relação da filha com o pai para bem depois identificar o poderoso vínculo entre mãe e filha. Esse foi um dos motivos que fez com que o caso Dora fosse considerado como uma análise que seguiu para uma direção inadequada. A relação dela com a mãe não foi trabalhada e nem explorada, e a questão da feminilidade sequer havia sido elaborada na época.

O caso Dora (1905) é emblemático para a teoria da histeria. Freud foi bem didático ao descrever os sintomas histéricos e ao usar a interpretação dos sonhos no tratamento dela. Porém, a direção do tratamento ficou falha, pois ainda havia um desconhecimento de Freud sobre a natureza feminina. Ele apontou para uma bissexualidade de Dora em relação à Sra. K, Lacan foi mais além dessa questão e demonstrou que uma mulher procura em outra mulher alguma resposta sobre o que é ser feminino. E era isso que fascinava Dora. E também trouxe para a análise do caso a importância do desejo do pai em relação à filha para a constituição do seu psiquismo. Como Zalcberg apontou:

“Outro motivo forte, não percebido por Freud e razão de seu fracasso no caso, fora que Dora quisera obter acesso, através do Sr. K., ao mistério da feminilidade que a Sra. K. representava para ela. O célebre episódio à beira do lago em que o Sr. K. confessa à Dora “não obter nada da mulher” marca o fim desse ciclo de buscas. Identificando-se com a Sra. K., que nada significa para o Sr. K., Dora conclui que nada significa para seu pai: “meu pai me dá a outro homem como um objeto” resume seu desespero”. (Zalcberg, 2003, p.39)

Nos primeiros estudos e atendimentos com as histéricas, Freud observou que era muito mais difícil para as mulheres do que para os homens abandonarem um sintoma neurótico. Percebeu que o sintoma tinha para a mulher uma função a mais e ao mesmo tempo alcançava-se uma satisfação com ele. O sintoma também pode trazer uma identificação feminina, um lugar de onde se poderia dizer mulher. Esta situação encontra-se exemplificada no capítulo sobre identificação em “Psicologia de grupo e a análise do ego” (1921) no caso em que as amigas se comovem e sentem os mesmos sentimentos quando uma das moças do grupo recebe uma carta do namorado em que ele falava de separação.

Nesta época Freud dizia que o laço estabelecido entre as amigas não era da ordem da relação de objeto e o *“mecanismo é o da identificação baseada na*

*possibilidade ou desejo de colocar-se na mesma situação”*. (Freud, 1976, 135). A teoria Lacaniana trouxe mais elementos para a compreensão da natureza dos vínculos estabelecidos entre as mulheres, principalmente com a ideia de falta do significante feminino.

“O que aprendemos dessas três fontes pode ser assim resumido: primeiro, a identificação constitui a forma original de laço emocional com um objeto; segundo, de maneira regressiva, por assim dizer, por meio da introjeção do objeto no ego; e, terceiro, pode surgir com qualquer nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto do instinto sexual. Quanto mais importante essa qualidade comum é, mais bem sucedida pode tornar-se essa identificação parcial, podendo representar assim o início de um novo laço”. (Freud, 1976, 136)

Em Dora, a relação de fascínio que uma mulher estabelece com outra mulher ainda não havia sido descoberta, assim como a importância da relação pré-edípica para a menina. No caso da jovem paranoica (1915) a dificuldade de separação da mãe é o ponto central. E é daí que advém as ideias de perseguição. A importância da relação da filha com a mãe torna-se mais clara para Freud no caso da jovem homossexual (1920) em que ele conclui que era preciso voltar-se para essa relação para entender o que se passava com ela. Através de um ressentimento em relação ao pai, pela demanda edípica não atendida, a menina direciona-se amorosamente para outra mulher com o intuito de mostrar a ele como se deve amar uma mulher. Deve-se amar uma mulher pelo que ela não tem, o falo. A jovem homossexual queria o olhar do pai. Em relação à mãe o conflito se passou no campo da competição, já que a mãe mantinha uma aparência jovem, foi mãe na época da adolescência da filha (período onde fortes afetos decorrentes do complexo de Édipo são revividos), e capturava o olhar do pai. A mãe não queria permitir que a filha se igualasse a ela. Freud sinalou um outro ponto, que é quando uma pessoa abdica de um provável desejo em prol de alguém que se ama. A pessoa amada não fica ameaçada e a outra se pune ou se sacrifica para manter o amor do outro. Como Freud explicou:

“A própria mãe ainda ligava grande valor às atenções e à admiração dos homens. A jovem, tornando-se homossexual e deixando os homens para a mãe (nouras palavras ‘se se retirasse em benefício’ dela), poderia afastar algo que até então fora parcialmente responsável pela antipatia da mãe”. (Freud, 197, 1969)



No texto da jovem paranoica Freud já pontua uma problemática da relação mãe e filha sem ainda elevar esta percepção à importância necessária à clínica. Os delírios da paciente começaram quando ela começou a se relacionar amorosamente com um homem. É importante destacar que um homem geralmente tem a função de separar a filha da mãe, e a clínica psicanalista mostra que quando isso está para acontecer a mãe resolve atrapalhar de diversas formas. Neste caso Freud demonstrou que o vínculo com a mãe estava na base da construção das ideias delirantes da paciente, e nessa situação era a filha que não estava suportando a separação. Freud escreveu que:

“Quando uma mãe obsta ou detém a atividade sexual de uma filha, está realizando uma função normal cujos fundamentos são estabelecidos pelos eventos na infância, cujos motivos são perigosos e inconscientes, e que recebeu a sanção da sociedade. Constitui tarefa da filha emancipar-se dessa influência e resolver por si mesma, num terreno amplo e racional, qual deverá ser sua parcela de fruição ou negação do prazer sexual”. (Freud, 302, 1974)

Para a filha separa-se da mãe deve demandar do pai o falo ou o seu amor, e simbolicamente, um bebê. Ela demanda a inserção no simbólico. O pai, por sua vez, não atende a estas demandas, e faz com que a menina volte a sua atenção para a mãe novamente. Para Freud a ligação com o pai é secundária em relação ao vínculo com a mãe e é isso que entendeu do caso da jovem homossexual. A mulher tem mais dificuldade de renunciar à demanda do Outro porque é deficitária no seu ser e na sua identidade feminina.

Lacan acrescenta uma ideia importante para se entender a natureza feminina: a mãe é interessante porque tem o amor do pai. Isto está subjacente ao conflito da jovem homossexual. A jovem queria ser desejada pelo pai, ela queria captar o seu olhar de desejo e também gostaria de ser vista como alguém que deseja. O desejo de ser desejada pelo pai também aparece no caso Dora. Seu pai estava interessado na Sra. K e empurrava Dora para o Sr. K.

Do pai, a menina precisa do seu amor, e da mãe que reconheça e invista na sua imagem feminina. Esse reconhecimento já ajuda em muito na separação da filha e na aceitação de seu próprio corpo. Um vínculo muito intenso entre mãe e

filha prejudica o futuro da menina. Seguem alguns dos destinos neuróticos da mulher: Uma filha dependente da mãe lhe mantém num lugar fálico, isto é permite que a mãe não sofra por ser castrada e deixa o conflito entre elas em suspenso; a menina que se fixa na posição masculina da fase fálica continua tentando ser um menino para a mãe, continua sendo objeto de desejo e sustenta-se numa posição ativa sem direcionar-se amorosamente para o pai; outra situação é quando a filha fica retida ao desejo da mãe e não consegue apropriar-se do seu próprio, prejudicando assim a separação entre elas; ficar tentando encontrar o significante da feminilidade no Outro mãe acaba prejudicando a criação da própria feminilidade. Em todos esses exemplos a futura relação amorosa pode sofrer graves prejuízos como até não acontecer.

A problemática de separação encontra-se nos dois lados, o da filha, que tenta ficar no lugar de objeto que satisfaz a mãe, evitando o reconhecimento de que a mãe é faltosa, e do lado da mãe, que não quer abdicar de seu lugar fálico e poderoso. A agressividade na relação das duas vem desta problemática em torno da castração e da não existência do significante feminino. Uma anseia pelo significante e a outra não tem para fornecer.

Zalberg lembra do que pode ocorrer em situações onde mulheres nunca se casam inteiramente, o que remonta aos casos em que a filha diz que mantém um namoro por muitos anos, quase um casamento, mas que cada um tem a sua casa, (sendo que ela continua morando com a mãe):

“Essa ligação da dificuldade de separar-se da mãe e do impedimento de aceder à feminilidade expressa-se com frequência na relação mantida por uma mulher com um homem. Ela aponta para uma possível indistinção na mulher entre dois gozos: o obtido na relação com o homem daquele que a liga à sua mãe. Assim a mulher pode ficar dividida entre esses dois imperativos na sua vida erótica” (Zalberg, 2003, 146).

E sobre a grande dificuldade de separação da mãe que a filha sente Zalberg acrescenta:

“A filha que ainda depende da mãe de várias formas, pode hesitar em privar a mãe do prazer que lhe proporciona; fato do qual ela mesma, filha, obtém prazer. O medo de perder o amor da mãe e, conseqüentemente, de se perder, pode

impedir a filha até de tentar se separar da mãe, permanecendo sob a dominação amorosa e erótica desta.” (Zalberg, 2003, 146).

A vertente constitucional desta relação é quando a mãe apresenta-se no lugar de modelo de feminilidade para a filha. A filha enquanto fascinada pelos atributos femininos da mãe ganha uma porcentagem maior de feminilidade. É importante que fique no campo de um modelo, pois a menina ainda terá o trabalho de construir a sua própria feminilidade. A mãe, por sua vez, também pode aprender mais da sua sexualidade através da filha, situação que pode permitir uma nova colagem entre elas.

Na adolescência, onde ocorre o despertar da sexualidade e a possibilidade da filha encontrar um par (e assim ocorrer uma separação entre mãe e filha), a mãe volta-se para um controle ou uma repressão do comportamento da filha. O fato de haver uma forte identificação entre elas no sentido da aparência corporal e da posição psíquica da falta do significante feminino e das diversas saídas encontradas para driblar esta posição a mãe intensifica o patrulhamento em relação à sexualidade da filha. A separação da filha pode apontar e fazer emergir algo da sexualidade da mãe que estava adormecido. Assim, será mais fácil para a mãe se preocupar e se ocupar da filha do que se ver com a própria sexualidade. A juventude sempre traz a vertente implacável do tempo, outro ponto que fica escondido no meio destes dramas. Nesse contexto Zalberg retoma a teoria lacaniana de que a mulher é constituída pela lógica fálica e pelo mais-além do fálico, o gozo feminino e demonstra que elas também são identificadas nesta organização, desta maneira, o pai fica sem interferir de forma eficiente. Estas situações lembram as famílias em que o casal só teve filhas e que o pai passa a ter pouca voz no dia a dia da casa.

“Mas é à filha, não sabia Freud, que a mãe reserva um aspecto mais amplo, que é o de retrair o perfil da própria vida como um todo. Mais ainda do que no caso do menino, há uma certa apropriação narcísica abusiva da mãe em relação a uma menina. Essa apropriação por parte da mãe na vida de uma filha não deixa de ser um abuso identificatório; a menina sendo colocada pela mãe em um lugar que não é o seu, isto é, destituída de sua própria identidade exatamente por quem supostamente é responsável por ajudar a filha a construí-la”. (Zalberg, 2003, 169)

Quando mãe e filha encontram-se unidas num emaranhamento de expectativas imaginárias onde aparentemente nota-se apenas a dependência da filha, deve-se prestar atenção também na dependência da mãe, que sustenta a dificuldade de separação. A filha carrega o medo de perder o amor da mãe e a mãe sofre com a ameaça da destituição de seu lugar, e da não realização de seus projetos narcísicos e ideais projetados na filha.

Desde que o filho nasce a mãe inicia um trabalho de luto que corresponde a perda do objeto, que era só seu, a perda de uma relação simbiótica e total de um objeto, e também, luto pela perda do falo. Um falo que não existia verdadeiramente. É importante o reconhecimento desse luto para que a mãe aceite a separação dos filhos, limitando a emergência dos caprichos maternos e da tentativa de domínio do destino dos filhos enquanto sujeitos. No caso da relação mãe-filha a mãe também precisa fazer um luto que corresponde aos aspectos narcísicos, a mãe deposita na filha um prolongamento da juventude e uma nova maneira de tentar realizar seus objetivos e expectativas de vida. E a filha também precisa realizar um trabalho de luto para se assumir como sujeito para se empreender em projetos próprios. O luto desta envolve sair do lugar de objeto fálico para a mãe.

A relação com a mãe pode atrapalhar a filha no seu percurso em direção à feminilidade. Esse trabalho envolveria o vínculo com o pai e futuramente com um homem. Para Freud também deveria se permitir a estar numa posição de passividade e não de atividade que corresponde a uma posição masculina e fálica. Como a menina adquire uma identificação viril no Édipo com o pai, retorna para a mãe em busca da feminilidade, já que ambas são mulheres. A filha tenta conseguir o falo através do pai (uma identificação fálica) e depois tenta captar o amor do pai, que está localizado na mãe. É no retorno à mãe que a filha busca a resposta da sexualidade feminina e que ao mesmo tempo precisa separa-se, para futuramente se constituir como mulher. Como resultado desse percurso a mulher pode se constituir fálica sem conseguir estar na posição de objeto para o homem. E é esse lugar de objeto que permite os encontros amorosos sem tantos conflitos neuróticos

Malvine Zalcberg faz referência ao trabalho de Joan Rivière da década de 1930 demonstrando que a mulher ao não resolver suas questões com a mãe e por

isso tornar-se uma adulta fálica precisaria se mascarar de mulher objeto, de mulher frágil para não aparecer fálica perante os homens. E aponta para uma não verdadeira aquisição da feminilidade. No psíquico continuariam “homens” (como objetos fálicos da mãe e com posições ativas) e ligadas à mãe.

“Essa é a tese de Rivière: mulheres que abraçam a masculinidade e, por isso, temem a retaliação dos homens (que podem se sentir ameaçados de ser privados de sua) se escondem atrás de uma “máscara de feminilidade”. Esse mecanismo através do qual a mulher finge ser mulher para proteger sua masculinidade ameaçada é o que Rivière chamou de *mascarada*. Para Rivière, não se poderia distinguir entre verdadeira feminilidade e o disfarce que o conceito de mascarada implica”. (Zalberg, 2003, 183)

Serge André também trabalha esta teoria de Joan Rivière e a partir do relato de um caso dela onde uma mulher tinha atitudes de constante competição com outras mulheres, um comportamento masculino característico, aponta para um novo entendimento desta situação. Além das relações com o falo havia também a relação com a mãe, que traz as questões de rivalidade e de identificação.

A máscara nunca esconde totalmente, sempre revela também. A teoria lacaniana trata a mascarada como a possibilidade de existência da feminilidade. A falta de significante feminino poder ser mascarada com a aquisição de algum significante que a identifique como mulher. Ao atrair e ser amada por um homem receberia dele consistência ao seu ser. No trabalho sobre narcisismo (1914) Freud mostra que muitas mulheres, belas e, portanto, narcisistas, tem mais necessidade de serem amadas do que amar. É interessante pensar que ao ser amada a mulher pode se sustentar no seu lugar feminino e receber mais substância feminina para o seu ser.

A teoria lacaniana mostra que uma parte da mulher está constituída na organização fálica e que por isso existem marcas de identificação e de estruturação de sujeito. Mas, além da estrutura fálica, ela também se constitui num mais-além que lhe permite viver mais o Real. E é isso que corresponde à falta de consistência da mulher, a um ponto de não apreensão e incompreensão do feminino. A mulher busca consistência na mãe e em outras mulheres para a criação de sua própria feminilidade.

Serge André no livro “O que quer uma mulher?”, transforma a pergunta feita por Freud, “o que quer a mulher?” e trabalha as teorias de Freud e Lacan sobre feminilidade. Ele teoriza se do ponto de vista da psicanálise pode-se descobrir algo que seja próprio da mulher, que a identifique como tal.

No capítulo 10, “Uma menina e sua mãe” André inicia discorrendo sobre o complexo de castração para chegar à relação da filha com a mãe. Retoma o texto de Freud de 1925 onde começa a demonstrar uma não paridade entre o complexo de Édipo dos meninos e das meninas e onde mostra que há uma separação entre o físico e o psíquico, eles não são complementares e nem contínuos. E em relação à inscrição psíquica das diferenças anatômicas entre os gêneros escreveu que o que se passa no inconsciente é o complexo de castração. Isto é, não é a diferença entre os sexos e sim a consequência da descoberta da diferença. O complexo de castração produz uma “historinha” inconsciente da qual cada um vai ter que elaborar. Segundo André produz um modo de pensar masculino e um modo de pensar feminino.

“Uma das consequências psíquicas da ausência de inscrição inconsciente das diferenças anatômicas entre os sexos é, pois, a tendência a que se institua um modo de pensar masculino e um feminino. De certo, esta é apenas uma tendência, mas ela é impressionante. Confrontando a anatomia, o menino nunca sabe bem o que pensar dela, fica como que condenado à procura e à dúvida, enquanto que a menina, segundo Freud, sabe desde o início o que se pode pensar disso, porque, com relação ao sexo oposto, ela pode se render a uma evidência que a dispensa das ruminções masculinas”. (André, 1987, 171)

Para Freud a inveja do pênis é o ápice do complexo de castração na mulher. A falta do pênis já está constatada e agora elas o desejam. Após muitos anos de estudos Lacan diz que a mulher está estruturada dentro da lógica fálica e organizada na estrutura simbólica como o homem, e depois vai mais além, e relata que ela também está organizada numa lógica não fálica, para além do falo, e trabalha o que chama de gozo feminino. O homem também pode experimentar este gozo feminino. Freud utiliza o adjetivo masculino para se referir aos posicionamentos ativos e o feminino para as atitudes passivas, Lacan trabalha o conceito de gozo fálico como estando do lado dos homens e o de gozo feminino

do lado das mulheres. Estes conceitos não são determinantes do que é o Homem ou a mulher.

Serge André separou três consequências para a inveja do pênis descritas por Freud: um sentimento de inferioridade a partir da descoberta de sua falta, da falta do falo; o ciúme feminino, que faz com que a mulher tente encontrar na outra mulher aquilo que supostamente capte o desejo do homem e um enfraquecimento do vínculo com a mãe. Neste caso, da mãe enquanto objeto e polo de identificação. A filha atribui culpa a mãe por ela não ter o falo. A primeira consequência encontra-se no domínio do narcisismo, a segunda no do narcisismo também, mas sob o ponto de vista da fantasia, no campo da imagem, e a terceira na área da identificação.

A teoria freudiana de que há um abandono da posição masculina ao deixar a masturbação clitoridiana seria também uma consequência da inveja do pênis. A menina não iria mais querer obter prazer dessa forma já que não possui o órgão potente. Assim a menina volta-se amorosamente para seu pai numa posição feminina, passiva, com o desejo de ter um filho, perpetuando o desejo de falo. Serge André traz a contribuição de Lacan para esse ponto onde haveria uma operação de metáfora quando o pai fica no lugar da mãe enquanto objeto de amor. Ele lança uma questão: será uma ação de metonímia? Esta mudança de ideia surge a partir do retorno da filha para a mãe durante o complexo de Édipo, como se uma verdadeira mudança de objeto não tivesse acontecido. Lacan mostra que o que acontece com as mulheres é que a metáfora paterna não recalca a primeira relação com o Outro materno, e deixa à menina não totalmente sujeitada a lei fálica. Isso tudo promove um trabalho psicológico para a menina, no momento em que precisa identificar-se com a mãe para tomar o pai como objeto de amor, é o mesmo momento em que precisa separar-se da mãe, relação que já estaria carregada de sentimentos ambivalentes de amor e ódio. Esse vínculo é tão poderoso que Freud descreveu situações em que a mulher reedita essa relação conflituosa com o seu marido.

Outra questão que deixa a mulher num lugar desfavorável decorrente do complexo de castração é a de que a meninas precisariam mudar de uma posição ativa para uma passiva para poder se ligar ao pai e para construir novos vínculos

com outros homens. Esta passividade remete a um preconceito universal em relação a este estado ou comportamento. E também refere-se à posição inicial de alienação ao Outro materno em que era preciso separa-se para constituir-se como sujeito e assim adquirir um comportamento ativo. Era à saída da posição de objeto (a) para a mãe. Mas para se vincular ao pai seria preciso passar novamente para uma passividade.

“É isso, ao menos, o que se deduz da lógica das reflexões de Freud sobre o destino feminino. Encontra-se de novo aí uma contradição interna ao processo que deveria levar a menina a se tornar mulher: a menina deve abandonar a passividade para se destacar da mãe, mas deve também conservar esta passividade para ligar ao pai.” (André, 1987, 187)

Serge André realiza uma conclusão importante sobre os percursos que a menina realiza que deveriam acarretar mudanças totais e que o que acontece são desdobramentos. Seja trocar de objeto - da mãe para o pai (o que corresponde a identificação também); mudar a zona erógena - do clitóris para a vagina; sair da posição masculina para a feminina - da atividade para a passividade, ou mudar o modo de gozo (como demonstra na teoria lacaniana).

“Por conseguinte, os caracteres da relação pré-edipiana jamais são verdadeiramente eliminados, e estão sempre prontos a voltar à tona. O destino da menina aparece, assim, como o de uma metáfora impossível ou de uma luta permanente para se elevar do registro da metonímia para o de metáfora.” (André, 1987, 187)

No capítulo 11, “O tornar-se mulher” André continua a discorrer sobre a constituição da mulher e sobre a influência que a relação com a mãe exerce neste processo. Retoma o termo devastação, de Lacan, para descrever o que ocorre na relação mãe. Como já foi apontado neste trabalho de mestrado, a separação da filha acontece com grande dificuldade e é carregada de sentimentos ambivalentes. A mãe também encontra-se numa posição complexa pois está num lugar de identificação ao mesmo tempo que a filha lhe dirige sentimentos de amor e ódio. A separação do objeto de amor é bastante difícil e no momento em que precisa se separar necessita se identificar. Ele definiu da seguinte forma este conflito: “*É que, de fato, esta relação tem todos os traços de uma relação passional para a*



*qual os parceiros não conseguem encontrar saída, senão em termos de ruptura”.*  
(André, 1987, 189)

A consequência do complexo de Édipo para a menina deveria ser a identidade feminina plena. Mas, a teoria freudiana e lacaniana já demonstrou que esse destino não é possível, pois a metáfora paterna não acontece totalmente e que não há um significante feminino que a identifique como mulher. Assim, Serge André descreve os destinos do complexo de Édipo:

“a menina tem que optar entre três soluções: ou aceita sua falta de identidade e se presta à mascarada fálica à qual a convida a lei do significante; ou recusa o que considera como uma derrota e se obstina numa reivindicação de tipo histérico, ou ainda retorna à fase anterior e se entrincheira numa posição toda masculina, como a homossexual.” (André, 1987, 189)

Freud deixa bem claro que a feminilidade é algo a ser constituído e tenta explicar isso de várias maneiras. Pode ser porque inicialmente a menina é um objeto fálico para a mãe (um lugar de prestígio que o bebê se encontra), ou porque encontra-se numa posição ativa em relação a sua sexualidade inicial (é ativa com seu órgão sexual como os meninos), ou porque ao final do complexo de Édipo ela produz uma identificação fálica (e por isso mesmo há o retorno a mãe em busca do significante feminino) ou porque ela precisa trocar o seu objeto de amor (passa da mãe para o pai).

É importante que o bebê seja desejado pela mãe porque é uma relação constituinte do psiquismo. É importante estar no lugar do objeto (a), objeto causa de desejo para ser tocado pela pulsão de vida ou investido pulsionalmente pelo grande Outro, no caso o grande Outro materno. A metáfora paterna intervém para causar a separação, que no caso da menina será mais difícil sair desse lugar para encontrar no pai o objeto de desejo ou mais especificamente, tentar conseguir dele o falo ou virar objeto a ser amado por ele.

Tanto o menino como a menina precisam sair do lugar de identificação fálica para poder se separar da mãe. E retomando a ideia de “traço unário”, Lacan demonstra a necessidade de um símbolo que fundamente a identificação. No caso do menino é mais simples encontrar esse traço no pai. E no da menina a situação é

mais difícil porque a mãe não porta no corpo o traço que abriga a identificação. Assim como André escreveu: *“Lacan nos ensinou que uma identificação imaginária só se fixa como semelhança do sujeito se puder se apoiar sobre um traço simbólico, “traço unário”, como ele o chama, espécie de significante mínimo que o sujeito apanha do Outro para arrimar sua identidade.”* (André, 1987, 195)

Dessa maneira a menina se vê obrigada a lidar com a falta no Outro, o que intensifica o complexo de castração. A mãe tanto não porta o falo como não tem o significante feminino. A filha vai em direção ao pai em busca do falo e de ser o objeto de amor do pai. Uma empreitada que não acontece. Daí vem o retorno à mãe, para que depois ocorra uma nova e complexa separação, onde a menina poderá seguir com o seu percurso em direção a feminilidade. Curiosamente ao final deste processo a menina recebe a possibilidade de se identificar com o falo e com a falta dele.

Freud já havia escrito que uma das características mais marcantes da mulher é a demanda de amor e de se fazer ser amada, (este já havia trabalhado nos seus estudos sobre o narcisismo). O amor aparece como algo que preenche a falta da mulher, dessa maneira nota-se uma das posições femininas que é a de sempre demandar amor. Ela demanda ser amada, mesmo não portando o falo, já que se supõe psiquicamente que só se ama quem tem o falo.

Na fase pré-edípica a menina e o menino amam a mãe supostamente fálica, depois essa condição muda. E quando a menina volta-se para a mãe continua pedindo o falo para depois pedir o significante feminino, a identificação feminina (tudo isto acontece debaixo de muita revolta). Para que os meninos e as meninas andem com o complexo de Édipo é preciso que a mãe deixe de ser fálica.

Para Freud o caminho em direção ao pai seria com o objetivo de receber o falo e que o desejo de ter um filho seria uma aspiração correspondente. Seguindo esse pensamento o tornar-se mãe seria uma via para a feminilidade. Serge André aponta para a clínica e diz que a maternidade não é um atributo da feminilidade e que o desejo de tornar-se mãe não é o mesmo que o da feminilidade. E isto fica evidente quando a mulher parece trocar o marido pelo filho ou como Freud apontou quando disse que a mãe faz do filho o seu objeto de amor. Com isso

demonstra que realmente algum componente da maternidade pode atrapalhar o relacionamento do casal.

“Pois na maioria das vezes é o filho que vai obter aquilo que o esposo não chegará a conquistar por si mesmo. Resulta disso que a impressão final deixada pelo texto freudiano permanece antes a de um afastamento irremediável entre o amor do homem e o da mulher”. (André, 1987, 202)

Para Freud a inveja do pênis é o resultado do complexo de castração da mulher e que com isso fica a ideia de que o destino feminino envolve a busca pelo falo, e a identificação fálica. O que não resolve as questões em relação ao mistério da feminilidade.

Ao retomar Lacan Serge André tenta trazer um outro ponto de vista para a questão da mulher que seria a necessidade do mistério, de que algo não era realmente para ser revelado.

“A releitura de Freud a que nos convida o ensinamento de Lacan permite afirmar que esta teoria da castração é, em si mesma, um meio-dizer, que tem uma certa função. Não serão, em última instância, a teoria da castração e o primado do falo, sobre o qual ela se apoia, que situam e protegem a feminilidade como mistério? – a teoria é ao mesmo tempo máscara e reveladora do objeto que visa”. (André, 1987, 205)

Para entender a sexualidade da mulher Freud chegou até a relação mãe e filha através da relação pré edípica e esbarrou com a inveja do pênis como principal evento da resolução do complexo de castração. Lacan até um momento de seus estudos elevou as relações estabelecidas com o falo a principal construção do psíquico. Porém, para continuar tentando resolver as dúvidas que ficaram da elaboração freudiana e lacaniana sobre a sexualidade feminina que estava imersa na lógica fálica, e que não estava respondendo totalmente o que é ser mulher, Lacan empreendeu a teoria do gozo. E, demonstrou que a mulher era constituída na ordem fálica e também num para-além do falo que seria o gozo feminino, que traz uma vivência mais do Real. Então trabalhou uma outra visão da mulher que estaria do ponto de vista da forma de gozar, do gozo feminino.

Assim, em relação à sexualidade feminina, Lacan muda o foco da questão do desejo para o gozo e divide a teoria da sexualidade em função fálica de um

lado e gozo do outro lado. O conceito de gozo é extremamente complexo e inovador para a clínica psicanalítica, ele não corresponde ao desejo, ao prazer ou a descarga pulsional. Ele encontra-se próximo a algo que se abusa, ou de um excesso.

O significante falo permite a existência da sexualidade. O complexo de castração possibilita a lei do desejo e também organiza os sujeitos dentro de uma lógica, a lógica fálica, e é essa organização que barra o gozo, o gozo infinito. Ao permitir a relação sexual, o gozo sexual também faz barreira ao gozo. E a mulher por não portar o significante próprio da feminilidade fica com parte de sua estrutura psíquica fora da organização fálica, e é o que Lacan chamou de gozo feminino. Assim tanto a identidade feminina torna-se dividida como o gozo também, e esse gozo é suposto, pois está fora da linguagem, Lacan também chamou de gozo do Outro ou gozo do corpo.

Essa divisão da sexualidade da mulher impossibilita que se possa falar delas como um conjunto de mulheres, pois parte delas não é identificável. “*A feminilidade se revela como dividida diante da castração: uma mulher se desdobra, mais do que se unifica, sob o significante “mulher”*”. (André, 1987, 202) E é essa outra forma de gozar, que não faz parte da ordem fálica e que é impossível de se dizer que parece ser o grande enigma que a mulher personifica para o homem.

Como a mulher se estrutura na lógica fálica e que parte dela encontra-se no campo do Outro gozo, que não faz parte da linguagem não se consegue demarcar a feminilidade. Assim, a feminilidade só pode ser definida através de um semblante.

Serge André recorre à literatura para demonstrar a problemática da feminilidade e do semblante. De forma bem resumida, ele cita uma história sobre um travesti que convence a amante a se vestir de homem e com isso sente-se num verdadeiro casamento. É a fantasia, o semblante de mulher ou de homem que é o suficiente para imprimir a identidade sexual de que se deseja. E sobre a feminilidade disse que “*A feminilidade só é amada por sua aparência enganadora*” (André, 1987, 274). André cita um outro caso que o contrário deste: é a história de um cavaleiro que se veste de mulher para se afirmar como homem.

Neste caso o que identifica a masculinidade é o corpo, não importando o que está na aparência. Esses casos de perversão em que a aparência tanto mostra como esconde, e que precisa de um certo olhar do outro para quase se fazer acreditar no que se mostra, denotam uma divisão de sujeito. Um sujeito que se divide entre a aparência e a sua razão ou lógica inconsciente. No caso da feminilidade a divisão se dá entre um sujeito presente na linguagem e uma porção deste sujeito não subjetivável.

Em oposição a lógica do travesti perverso Serge André cita o trabalho de Joan Rivière, “A feminilidade como mascarada”. Rivière apresentou a ideia de que a feminilidade seria uma reação à angústia que a mulher sente perante uma possível vingança vinda dos homens. A mulher é possuidora do falo, porém teria de se fazer de objeto frágil perante os homens. A feminilidade seria então uma afirmação da posição fálica da mulher, e dessa maneira não existiria a verdadeira feminilidade, e que isso não era a questão fundamental. Depois tratou dos casos em que a mulher tem uma atitude de competição com os homens, e que a base deste comportamento estaria na relação e na identificação com o pai. E nos casos em que rivalidade está direcionada para as mulheres o fundamento encontra-se no conflito com a mãe. Por outro lado quando a filha apresenta uma forte identificação com o pai no sentido de possuir o falo um dos objetivos seria o de restituir sua mãe do falo, e com isso as outras mulheres também. Sobre a posição de sacrifício que envolve a feminilidade André interpreta que a parte não-toda é sentida como um prejuízo infligido por uma mulher. Ao permitir que sua mãe não esteja castrada a menina espera uma certa recompensa que estaria no campo da insígnia feminina. A posse ou não do falo está sempre presente, “*é o falo que é a máscara por excelência, o véu lançado sobre este furo inominável*”. (André, 1987, 279) Depois André aponta para as duas posições femininas: diz que primeiro vem à identificação fálica, e masculina, e depois vem a não toda assujeitada ao falo. A mulher tenta mascarar a sua falta de falo com seus atributos extremamente femininos, e ao agir dessa forma ela tenta ter o falo, e se mantém na lógica fálica, como masculina.

Sobre esta teoria de Joan Rivière Vera Pollo, 2003, escreveu que:

“As mulheres lhe parecem ter maior necessidade de reconhecimento que os homens, e ela situa a origem dessa necessidade na relação mãe-filha. As necessidades de reconhecimento e absolvição, características das mulheres, seriam consecutivas ao fato de “terem relegado a mãe ao limbo”, negando sua existência.” (Pollo, 2003, 77)

Em relação às teorias sobre a feminilidade primeiro Freud empreendeu dois destinos, o da posição passiva e o da maternidade. É que uma das consequências da inveja do pênis seria a tentativa de se tornar fálica através de identificações e de artifícios. Lacan trouxe a questão da falta de significante feminino que faz com que a mulher se identifique e se organize na estrutura fálica mesmo sem portar esse significante primordial. Mas postulou também que há uma parte da mulher que não é totalmente submetida ao simbólico, o que faz com que ela se constitua de duas maneiras diferentes. Mais adiante na sua teoria Lacan trouxe um novo campo de conflito para a mulher: a divisão entre linguagem e corpo, entre o simbólico e o real.

A histeria, a mascarada ou a eterna demanda para ser amada são posições estruturais e femininas onde a mulher se faz reivindicar o seu significante que é faltoso.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS – O GOZO FEMININO

O objetivo deste trabalho foi estudar as dificuldades das mulheres nos relacionamentos amorosos. A clínica psicanalítica, as observações retiradas do dia a dia e os livros e as matérias provenientes da mídia trazem questões relativas à feminilidade. Os encontros amorosos e a maternidade continuam sendo assuntos relativos à vida. Por exemplo: com os avanços da medicina a maternidade tornou-se algo a ser planejado e pensado de tal forma que muitas mulheres só decidem ser mãe perto dos quarenta anos, idade delicada para o início da maternidade. O crescimento do mercado de trabalho e a necessidade financeira também contribuem para a maternidade tardia. Outro ponto interessante é que a aquisição de um casamento ficou dissociada do tornar-se mãe. A medicina de reprodução assistida permite que mães ou pais tenham filhos sem necessariamente constituir famílias de forma tradicional (pai, mãe e filho). E por fim, é comum que após o nascimento do filho ocorra à separação do casal.

Ao estudar os trabalhos psicanalíticos sobre a mulher, a sexualidade feminina, o desenvolvimento da feminilidade e o tornar-se mulher esbarrei com a relação mãe e filha. Freud falou sobre esse assunto quando trabalhou a relação pré-edípica e enfatizou que toda a questão da filha girava em torno da sua relação com a mãe e que as neuroses futuras das mulheres estavam calcadas neste período anterior ao complexo de Édipo.

Nestas leituras ficou bastante claro que a relação mãe e filha é bastante complexa, porém estrutural. A separação da mãe geralmente ocorre de forma abrupta e através de ruptura. Esta separação pode não acontecer e tanto a filha quanto a mãe passam a vida envolvidas com essa questão. E dessa forma, atrapalha o caminho da filha em direção a um relacionamento amoroso. Freud demonstrou que os sentimentos envolvidos nas primeiras relações objetais, e especificamente com a mãe, são ambivalente e por essa mesma natureza a dificuldade de separação torna-se evidente.

Lacan concordou com Freud e aprofundou mais os estudos relativos às mulheres. Para ele a mulher encontra-se estruturada no registro fálico que é o da instituição da linguagem e do simbólico, como o homem. Porém ela também encontra-se num outro registro que é o mais-além da organização fálica. E demonstra que ela vivencia mais o Real. A loucura feminina, onde em algumas situações as mulheres se mostram fora da realidade ou “loucas” aponta para esse estado do mais-além.

Autores como Malviene Zalcberg e Serge André estudaram intensamente a feminilidade e a relação mãe e filha. Desde Freud que a feminilidade, o que é distintivo da mulher, é estudada como algo a ser adquirido e carregado de dúvidas e mistério.

As teorias que envolvem a relação pré-edípica estão vinculadas ao complexo de Édipo ao complexo de castração, que tratam da constituição do sujeito. O complexo de Édipo corresponde ao período de estruturação psíquica e do posicionamento do sujeito diante da sua sexualidade. O complexo de castração produz as diferenças entre homens e mulheres do ponto de vista da organização fálica, e psíquica. A ameaça de castração produz um destino para os meninos que envolve a resolução do Édipo e a inveja de pênis introduz as meninas no Édipo causando um trabalho maior e mais difícil de elaboração.

Os estudos da relação pré-edípica vieram como um prolongamento do desenvolvimento teórico do complexo de Édipo. É bastante claro na obra de Freud o quanto que sentia falta de entender o desenvolvimento da sexualidade feminina e como ficava sempre uma lacuna teórica quando falava sobre a mulher. O complexo de Édipo, considerado a grande descoberta de Freud demonstra a importância dos primeiros vínculos amorosos para a constituição do sujeito e para o entendimento de sintomas neuróticos no indivíduo adulto. Na sua clínica com histéricas Freud construiu uma forma de tratamento terapêutico que buscava respostas para o sofrimento na história edípica do sujeito. O curioso é que as manifestações inconscientes do complexo de Édipo também apareciam na relação com o psicanalista e tinha importância para o andamento do processo terapêutico. Inicialmente Freud o denominava de complexo nuclear para mais tarde afirmar que o complexo de Édipo era o núcleo das neuroses.



Os eventos do período edípico tem valor de trauma para a criança e por isso mesmo deixam marcas e fixações na constituição do sujeito. Freud postulou que a sexualidade humana é traumática, ela força uma vivência onde a organização psíquica do sujeito encontra-se em formação e, portanto, incapaz para lidar com os excessos de investimento sobre a criança. Ele lembra situações em que a criança além de ser cuidada com zelo, recebe também cargas de sentimentos afetuosos e de desejo.

Ao estudar o trauma Ana Maria Rudge trata tanto da constituição do sujeito quanto dos efeitos psíquicos que um evento traumático pode causar num indivíduo posteriormente. Ela faz uma crítica da forma como sociedade atual aborda este tema. Há uma valorização dos fatores históricos e sociológicos em prol da investigação psicanalítica do sujeito, que corresponderia a sua forma própria de estar no mundo, de criar vínculos, de elaborar ou não conflitos. E aponta para a especificidade de como a psicanálise trata essa questão:

“Entretanto, não se pode esquecer que o enfoque da psicanálise é voltado para os sujeitos um a um, para a singularidade de cada pessoa apoiando-se em sua história infantil única, embora em muitos aspectos a história de cada um seja também compartilhada por seus contemporâneos. O trauma não é o acontecimento em si, mas o modo como esse acontecimento incide sobre o psiquismo de alguém e por ele é processado. Se as experiências de guerra fossem igualmente traumáticas para todos não haveria mercenários, comenta Freud em um exemplo eloquente disso”. (Rudge, 2009, 7)

O complexo de Édipo mostra-se como principal conceito psicanalítico e é através dele que os estudiosos da psicanálise divergem ou não dos seus desdobramentos clínicos e teóricos. Á exemplo J.\_D. Nasio organizou e dividiu o complexo de Édipo a partir de vários enfoques e demonstrou a sua importância para a Psicanálise no livro “Édipo – O complexo do qual nenhuma criança escapa”. Primeiro apontou para a experiencial sexual vivida pela criança de quatro anos em relação aos seus pais e para a construção de uma fantasia sexual para dar conta da intensidade dos desejos infantis. A neurose infantil encontra-se na base das neuroses futuras nos adultos. O Édipo está na origem da construção da identidade sexual, e é também uma construção mitológica para dar conta do desejo e da interdição da sexualidade infantil. Ele é o principal conceito da

psicanálise, motor da teoria e da técnica psicanalítica. E por fim, o complexo de Édipo é o inconsciente. Para Freud o inconsciente é o infantil e é dele que se trata na análise.

Neste livro em que trata do Édipo, Nasio ao mesmo tempo em que reverencia o principal conceito psicanalítico demonstra uma discordância da teoria Lacaniana. Ele diverge da ideia de que não existe o sexo feminino, de que a mulher sofre da falta do reconhecimento de um órgão que a identifique como mulher. Para Lacan trata-se da falta de significante feminino ou da falta de representante no inconsciente do órgão feminino. Nasio não concorda que a mulher sofre por não ter o falo ou que se sente inferior por isso. Ele diz que após o entendimento de que o pênis pertence ao menino surge o conhecimento, por parte da menina, de que possui outro órgão sexual diferente. Para ele há uma espécie de resolução da fase fálica. Ele diz que a ideia de que a mulher pode ter sido castrada e que por isso apresenta um complexo de inferioridade não passa de uma fantasia neurótica.

“São justamente os neuróticos que acham que a mulher é uma criatura castrada – quando, evidentemente, isso é falso. O sexo de uma mulher não é de forma alguma a falta do que quer que seja! (...) Decerto a psicanálise postula que o Falo existe e que a mulher é castrada, mas, vocês entenderam, o falo é uma ilusão e a mulher é castrada tão-somente na imaginação inconsciente das crianças e dos neuróticos”. (Nasio, 2007, 62)

Outros autores também discordam da teoria desenvolvida por Lacan que trata da falta de significante feminino, de que a mulher não tem a representação do seu órgão sexual no psiquismo. Recentemente Marina Ribeiro escreveu o livro, “De mãe em filha – A transmissão da feminilidade”, onde aborda o outro ponto de vista que diverge de Lacan. Ela trabalha, principalmente, com Freud e Melanie Klein.

“A mulher parece ter, sim, representações psíquicas para o seu sexo: sensações vaginais precoces, a potencialidade de gerar filhos e posteriormente os seios (Klein, 1939<sup>a</sup> e 1945). Melanie Klein também contribuiu para a compreensão da angústia feminina: a de ter o interior do corpo destruído, sendo a angústia de castração e a inveja do pênis, secundários na trajetória da menina.” (Ribeiro, 2011, 19)

Esta autora lembra que grandes teóricos da psicanálise como Ernest Jones e Karen Horney estão do lado de Melanie Klein em relação à existência do órgão sexual feminino. Eles pensam de forma totalmente diferente da ideia de que homens e mulheres compartilham e sofrem do complexo de castração. Isto é, de que na fase fálica ambos os gêneros entendem que só existe um órgão sexual e que a descoberta dos seres que não possuem o pênis gera uma série de consequências psicológicas no âmbito estrutural e de posicionamento diante do próprio sexo. Esta teoria implica na não existência do órgão sexual feminino no inconsciente, pois a mulher não porta no corpo algo como o pênis que é o equivalente ao significante falo no inconsciente.

Vera Pollo no livro “Mulheres histéricas”, descreve os posicionamentos dos teóricos contemporâneos de Freud que debatiam sobre a sexualidade feminina entre 1920 e 1930 e que muitas vezes divergiam dele em relação à fase fálica e, portanto do complexo de castração. A ideia de que inicialmente há um desconhecimento do órgão feminino sempre foi muito difícil de ser aceita. Sobre essas divergências de Freud Pollo escreveu que: *“Pronunciou-se de forma contrária ao postulado Kleiniano do Édipo precoce e aos argumentos de Jones, Hélène Deutsch e Karen Horney que negavam a primazia fálica no desenvolvimento sexual da menina”*. (Pollo, 2003, 72)

De forma resumida, Karen Horney acreditava na existência de “desejos femininos primários” e que a inveja do pênis seria uma consequência danosa de uma passagem mal sucedida pelo complexo de Édipo. Ernest Jones divergiu em vários pontos de Freud. Por exemplo: a ameaça de perder o falo não estaria correspondente a situações de perda, medo de separação, perigo, etc; não concordava com a equivalência da masturbação do pênis para o menino e da masturbação clitoridiana na menina, e pensava que a angústia feminina encontrava-se no não saber do funcionamento da vagina. Hélène Deutsch realizou um estudo que intensificava as relações entre sexualidade feminina e reprodução. Para Deutsch o prazer que uma mulher retira da relação sexual estaria em correspondência com um início de um parto. Essa autora tenta construir relações entre parto, gravidez, filho, relação sexual, vagina para dar conta da sexualidade feminina, chegando à equação vagina-filho. Pensava na equivalência pênis-vagina

e não concordava com Freud em relação à correspondência entre pênis-falo-fezes-bebê-dinheiro.

No texto “A significação do falo” de 1958, Lacan demonstrou que já divergia das ideias em relação à fase fálica de grandes psicanalistas contemporâneos de Freud:

“A verdade é que a discussão atualmente abandonada quanto à fase fálica, ao relermos os textos remanescentes dos anos de 1928-32, revigora-nos por seu exemplo de paixão doutrinal, à qual a degradação da psicanálise, consecutiva à sua transplantação norte-americana, acrescenta um valor de nostalgia”.

“Se resumíssemos esse debate, só faríamos alterar a autêntica diversidade das posições adotadas por uma Helene Deutsch, uma Karen Horney e um Ernest Jones, para nos limitar aos mais eminentes”. (Lacan, 1995, 694)

Estudar a mulher do ponto de vista de Lacan ou do posicionamento da escola de Melanie Klein ou de Ernest Jones é escolher um caminho para entender e trabalhar a sexualidade feminina na clínica psicanalítica. A própria teoria Lacaniana permite caminhos diferentes. Ao longo de seus estudos Lacan foi deslocando a importância de alguns conceitos, e passou a valorizar outros tornando a sua teoria mais complexa.

A partir do seminário 20, “Mais ainda”, (1972-1973), O conceito de gozo recebeu maior destaque teórico. A questão do desejo e da interdição dele foi deixando de ser prioridade a partir do conceito de gozo. E no caso das mulheres Lacan demonstrou que elas não estão somente referidas a lógica fálica, e que elas também estão destinadas num mais além do simbólico. Este campo seria chamado de gozo feminino e ele coloca este conceito no campo de uma suposição já que não passa pela linguagem. O gozo feminino é o que faz com que a mulher saia do campo do simbólico e experimente mais o Real.

O gozo feminino é um tema bastante atual. Recentemente a PUC – Rio promoveu um evento chamado “Mulheres de hoje”, organizado pelo psicanalista Marcus André Vieira, onde este tema foi discutido intensamente. Em relação à experiência do gozo feminino trouxeram exemplos de vivências extremamente traumáticas onde o sujeito não cindiu psiquicamente, mas que deixou marcas profundas de uma passagem pelo Real.

No início do primeiro capítulo, “Do Gozo”, do seminário 20, Lacan deixa claro sobre de que se trata o gozo, que não faz parte do campo do desejo ou da satisfação, e sim de algo que deve-se usar até ao abuso. Utilizou as ciências do direito consuetudinário, fundado nos costumes, para descrever o que estava teorizando. No direito o gozo deve ser limitado.

“O usufruto quer dizer que podemos gozar de nossos meios, mas que não devemos enxovalhá-los. Quando temos usufruto de uma herança, podemos gozar dela, com a condição de não gastá-la demais. É nisso mesmo que está a essência do direito – repartir, distribuir, retribuir, o que diz respeito ao gozo”. (Lacan, 2008, 11)

Assim, existe a possibilidade de gozar, porém com parcimônia. Lacan aponta para uma dimensão negativa do gozo e para a possibilidade do “direito-aogozo”, que já é uma questão para a psicanálise.

“O gozo se coloca assim como uma instância negativa que não se deixa reduzir nem às leis do princípio do prazer, nem ao cuidado da autoconservação, nem à necessidade de descarregar a excitação (...) Pois a ideia de Lacan é de que o gozo sexual é em si mesmo uma limitação do gozo em geral”. (André, 1987, 212)

Lacan traz para perto duas concepções que seriam consideradas opostas: a função fálica que permite a estrutura do sujeito, a lei do significante e seu efeito de significado, e o gozo. Dessa forma a trama da feminilidade estaria na intersecção destes dois campos.

Sobre o gozo sexual Lacan faz uma inversão do que o senso comum pensa, ele diz que o gozo sexual é limitado pela organização fálica e que só é realizado através do registro de semblante. O encontro sexual só é permitido dessa forma, onde o falo intermedia os gozos. “*Pois a ideia de Lacan é de que o gozo sexual é em si mesmo uma limitação do gozo em geral*”. (André, 1987, 212) Assim o significante ao mesmo tempo que limita o gozo sem limite, permite o gozo sexual.

No seminário “Mais ainda” Lacan trabalha o gozo, o gozo fálico, o gozo do ser, o gozo feminino e o gozo do Outro. É o gozo do Outro que não está inserido na ordem fálica e, portanto não há um significante que o represente, e que

e também, a linguagem não dá conta de representa-lo. Lacan também realiza uma virada teórica ao dizer que o ser é determinado, constituído pela linguagem. O significante produz o ser.

Em relação às mulheres Lacan diz que não se pode classifica-las num conjunto como se faz com os homens. O fato delas não serem constituídas totalmente na ordem fálica e também num mais-além do significante fálico, faz com que cada uma comporte algo de seu ser que é inapreensível e por isso mesmo não igual para todas as mulheres.

Um outro ponto complexo da teoria lacaniana sobre o gozo é o de que a mulher goza junto com o parceiro no campo do gozo fálico e também goza de outra forma. Assim, torna-se um mistério para o homem já que ela goza de um gozo inapreensível. O gozo do homem está referido à ordem fálica onde a fantasia produz um sentido para o gozo e o próprio gozo. O homem fantasia com partes do corpo, um olhar, a voz, uma pele... Segundo Lacan a mulher encarna o objeto a. para o homem, o objeto causa de desejo.

O estudo do gozo feminino, do outro gozo, do gozo do Outro e de gozo do corpo requer um estudo mais profundo, pois estes conceitos apresentam diferenças que promovem uma mudança radical na concepção de sujeito e também na escuta da clínica psicanalítica.

Lacan diz que esse gozo feminino é suposto, pois como está fora da linguagem não há como dizê-lo. Assim os homens tornam-se fixamente curiosos sobre o gozo da mulher porque não conseguem entender a sua forma de gozar, diferente da deles onde o gozo é calcado no órgão fálico. Mas Lacan vai mais além e diz que essa ideia de que existe um outro gozo, o gozo do Outro encontra-se presente em todos os sujeitos. Ao examinar essa teoria Serge André escreveu que:

“A suposição de um Outro que goza aparece, pois, como um efeito, até mesmo o efeito mais radical, do significante do falo. É, parece-nos, a solução para a qual se inclina Lacan quando explicita que esse Outro que goza, fora-da-língua, é, relativamente ao gozo fálico, não complementar, mas suplementar: só se pode evoca-lo e situá-lo a partir da castração”. (*André, 1987, 224*).

O percurso teórico de Freud e Lacan culmina na organização fálica. A lógica fálica insere o sujeito no simbólico e na linguagem e a partir daí permeia as relações entre os sujeitos e inclusive a relação sexual do homem com a mulher. É a partir do seminário, “Mais ainda”, que Lacan faz uma virada na sua teoria. Ele propõe a existência de um gozo fora da linguagem, que não passa pelo simbólico. Esse outro gozo que é também chamado de gozo feminino aponta para o campo do sujeito que não passa pela linguagem, que não é simbolizável. Quando chama de gozo do corpo também afirma que algo do corpo não passa pela linguagem, que o corpo pode estar no lugar do Outro e por isso mesmo aponta para uma dissociação ou uma não complementaridade entre o sujeito e seu corpo. Outro ponto importantíssimo neste trabalho é quando afirma que a linguagem produz o ser, no sentido de constituir o sujeito. Dessa maneira a realidade passa a ser estabelecida pelo discurso.

A ideia de uma não complementaridade entre sujeito e corpo pode ser observada em casos de doenças. Nota-se que em alguns pacientes que são submetidos ao tratamento de hemodiálise o corpo passa a ser uma instância separada do sujeito. Por exemplo: nas várias situações em que o sujeito precisa confeccionar uma nova fístula (a ligação de uma artéria com uma veia para aumentar o fluxo de sangue que passa pela máquina sem prejudicar a estrutura circulatória do indivíduo). O paciente trata esta situação (das vias de acesso vascular que não funcionam) como algo externo a ele, como se não fizesse parte de seu corpo ou como se ele não pudesse realizar um esforço próprio para melhorar (já que o problema não dizia nada a respeito dele).

Os estudos sobre o gozo são extremamente atuais, pois propõe uma nova clínica psicanalítica. Colette Soler no livro “O que Lacan dizia das mulheres” trabalha o gozo feminino e realiza um estudo das várias figuras da mulher, propondo uma clínica mais focada nas manifestações do “não-todo fálico”. É um texto que requer mais intimidade e conhecimento da nova proposta de Lacan. Soler lembra que Lacan demarcou a separação entre histeria e feminilidade. A posição de ser o falo encontra-se no lugar de objeto (objeto causa de desejo) para o homem na relação sexual. *“Esta não indica uma identificação, mas um lugar: o do complemento do desejo masculino”* (Soler, 51, 2006). O homem precisa

desejar e do lado da mulher se deixar desejar. Daí vem à problemática da histérica que não quer se identificar com o objeto de gozo, que se recusa a estar no lugar de objeto. Assim a posição histérica de eterna insatisfação é trabalhada a partir da teoria do gozo, *“Essa vontade de deixar o gozo insatisfeito é o que define, de maneira precisa, a posição histérica. O que decerto contribui para desorientar os clínicos é que as histéricas, sobretudo hoje em dia, não se recusam a ir para a cama, às vezes até a colecionar amantes. Daí a concluir que se dedicam ao gozo...”* (Soler, 52, 2006).

Neste contexto a posição da histérica diverge da posição feminina no sentido de que a mulher quer gozar. Ao deixar Outro insatisfeito a histérica receberia algo mais para o seu ser, mais consciência de ser, e no caso da mulher há e o desejo de gozar. Eis a questão da histérica: *“E até exige ser, ser alguma coisa para o Outro: não um objeto de gozo, mas o objeto precioso que sustenta o desejo e o amor”*. (Soler, 52, 2006) Depois a autora demonstra que o gozo do homem divide a mulher, ela goza do desejo de querer fazer ele gozar e goza do gozo do parceiro.

A histérica interessa-se pelo falo e a mulher busca ser o sintoma, um sintoma para um homem. A relação com o falo encontra-se sempre presente nas relações das histéricas. E quando se fala que na histeria a mulher quer se fazer de homem é na identificação com ele enquanto sujeito faltoso, insatisfeito e imerso pela lógica fálica. O seu gozo é castrado. Por outro lado o homem se faz homem a partir do seu gozo fálico que também coincide com o gozo do órgão. A mulher não se faz mulher somente com o gozo fálico, ela sempre precisa de um algo a mais para lhe constituir a feminilidade. O amor surge para dar consistência ao seu ser mulher. É por isso que o seu ciúme é devastador e exige exclusividade. A mulher deseja ser única, a escolhida para um homem, única no amor do homem.

Em relação à maternidade Soler cita um exemplo atual de que é grande a quantidade de mães que criam seus filhos sozinhas ou que são elas o parceiro de maior influência e estabilidade na vida da criança. Os parceiros da mãe ou namorados são secundários nesta relação. É possível trabalhar a questão do gozo materno no campo do outro gozo, que não o fálico. Inicialmente, o gozo da mãe deve ser barrado em prol da organização psíquica da criança. Essa questão da



maternidade em excesso e do declínio da paternidade é bastante atual. E assim, Soler aponta para uma razão dada para a elevação da maternidade ao ponto de como chegou atualmente:

“E mais, a alienação inerente ao amor é elevada pela relação mãe-filho a uma potência superior, na medida em que, no começo, o recém-nascido não é um sujeito, mas um objeto. Objeto real nas mãos da mãe, que, muito além do que é exigido pelos cuidados, pode servir-se dele como de uma propriedade, uma boneca erótica, com que gozar e a fazer gozar”. (Soler, 93, 2006)

A importância de se barrar o gozo materno ou a de que a mãe deve estar castrada para o desenvolvimento dos filhos enquanto sujeitos é um princípio básico da psicanálise. A importância da separação para o surgimento da falta, do desejo e para a constituição do sujeito também é inquestionável dentro da psicanálise.

A mãe precisa desejar como mulher para ela mesma se separar do filho e retirar de cima dele a opressão e o peso de seu gozo. Dessa forma ambos tornam-se intermediados pelo simbólico, pela lei do pai.

“Só há amor por um nome, dizia Lacan: no caso, o nome de um homem, que pode ser qualquer um, mas que, pelo simples fato de ser nomeável, cria um limite para a metonímia do falo, assim como para a opacidade do Outro absoluto. Só mediante essa condição é que a criança poderá ser inscrita num desejo particularizado”. (Soler, 103, 2006)

As relações entre gozo fálico e gozo feminino e o conceito de Outro, Outro gozo, gozo do corpo, Outro da linguagem e Outro como lugar do inconsciente requerem estudos com dedicação exclusiva. As teorias sobre sujeito e corpo trazem a questão da alteridade do corpo, do corpo como lugar do Outro. Do ponto de vista da mulher a problemática atual da ditadura da magreza responde muito sobre a construção da identidade feminina e de uma relação com o gozo, do mais-além do falo. Também observa-se nestes casos o peso do gozo materno em cima da filha, uma incidência da pulsão de morte, a opressão do superego materno e a concepção do corpo como Outro externo ao sujeito.

## Referências bibliográficas

ANDRÉ, S.– “O que quer uma mulher?”. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1986.

BETTELHEIM, B. – “A psicanálise dos contos de fadas”. São Paulo, Editora Paz e Terra, 1992.

FREUD, S. – “*Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*”. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980.

- “A psicopatologia da vida cotidiana”, (1901), vol. VI – 1987.
- “Fragmento da análise de um caso de histeria”, (1905), vol. VII – 1989.
- “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, (1905), vol. VII – 1989.
- “Sobre o narcisismo: Uma Introdução”, (1914), vol. XIV – 1974.
- “Um caso de paranóia que contraria a teoria psicanalítica da doença”, (1915), vol. XIV – 1974.
- “Conferências introdutórias sobre psicanálise”, (1916-1917 [1915-1917]) – Parte III – “Teoria geral das neuroses”, (1917 [1916-1917]), vol. XVI – 1976.
- “Psicologia de grupo e a análise do ego”, (1920) – Cap. VII Identificação, vol. XVIII – 1976.
- “A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher”, (1920) – vol. XVIII – 1976.
- “A dissolução do complexo de Édipo”, (1924) – vol. XIX – 1976.
- “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos”, (1925) – vol. XIX – 1976.
- “Sexualidade feminina”, (1931), vol. XXI – 1976.
- “Feminilidade”, (1933 [1932]), vol. XXII – 1976.

GAY, P. – “FREUD – Uma vida para o nosso tempo”. São Paulo, Editora Schwarcz, 1994.

LACAN, J. – “A significação do falo in Escritos”, (1998). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, J. – “A relação de objeto”, Livro IV – (1956-1957). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995.

LACAN, J. – “As formações do inconsciente”, Livro V – (1957-1958). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999.

LACAN, J. – “A angústia”, Livro X – (1962-1963). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2005.

LACAN, J. – “Mais, ainda”, Livro 20 – (1972-1973). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2008.

NASIO, J.D. – Édipo – “O complexo do qual nenhuma criança escapa”. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 2007.

POLO, V. – “Mulheres histéricas”. Rio de Janeiro, Ed. Contra Capa, 2003.

RIBEIRO, M – “De mãe em filha – A transmissão da feminilidade”. São Paulo, Ed. Escuta, 2011.

RUDGE, A.M. – “Trauma”, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2009.

SOLER, C. - O que Lacan dizia das mulheres. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2006.

ZALCBERG, M. - Amor paixão feminina. Rio de Janeiro, Elsevier Editora, 1998.

ZALCBERG, M. - A relação mãe e filha. Rio de Janeiro, Elsevier Editora, 2003.